JANAINA AZEVEDO CORRAL

Desvende o universo dos orixás na Umbanda

AS SETE LINHAS DA UMBANDA

OXALÁ, OGUM, OXÓSSI, XANGÔ, ÁGUAS, YORI E YORIMÁ, ORIENTE



ESTRUTURA BÁSICA, ELEMENTOS ESSENCIAIS, SÍMBOLOS E OBJETOS

UNIVERSO DOS LIVROS

JANAINA AZEVEDO CORRAL

AS SETE LINHAS DA UMBANDA

OXALÁ, OGUM, OXÓSSI, XANGÔ, ÁGUAS, YORI E YORIMÁ, ORIENTE

São Paulo
2010

UNIVERSO DOS LIVROS

© 2010 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor Editorial **Luis Matos** | Assistência Editorial **Noele Rossi** e **Talita Gnidarchichi** | Preparação **Julio Domingas** | Revisão **Juliana Mendes** | Arte **Fabiana Pedrozo** e **Stephanie Lin** | Capa **Marcos Mazzei**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

C823s Corral, Janaina Azevedo.

Sete Linhas da Umbanda / Janaina Azevedo Corral. – São Paulo: Universo dos Livros, 2010.
128 p.

ISBN 978-85-7930-116-2

1. Umbanda. 2. Religião I. Título.

CDD 299.67

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua Haddock Lobo, 347 • 12º andar • Cerqueira César
CEP 01414-001 • São Paulo • SP

Telefone: (11) 3217-2600 • Fax: (11) 3217-2616
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Prefácio

Quero começar, desta vez, não indo direto ao ponto e falando sobre o assunto deste livro, mas sim, falando sobre esta parte específica: o prefácio.

O que é um prefácio? Ele é uma breve tomada sobre o livro, por vezes sobre conceitos que são expressos nele e até mesmo, no caso de uma pesquisa, como este, um apanhado geral das coisas que conduziram à conclusão daquele trabalho. O prefácio também pode ser um texto no qual são explicados os assuntos abordados em cada capítulo, resumidamente, deixando o leitor à vontade, por exemplo, para, com a ajuda do índice, procurar o assunto que mais o interessa. E por que eu, como autora, decidi falar, em primeira ordem, do prefácio? Porque quero falar, antes de tudo, da pesquisa que abarcou este livro.

É importante que eu diga que, em meus livros anteriores (especialmente em *Tudo que você precisa saber sobre Umbanda – volumes I, II e III*), uma das maiores recompensas foi poder estabelecer contatos com inúmeras casas de Umbanda que me acolheram nas pesquisas que se seguiram com o intuito de publicar meus dois próximos livros, um sobre o papel dos orixás da Umbanda e outro, este aqui, sobre as sete linhas.

Por um lado, conhecer as casas, ir à sessões de atendimento e festas, conversar com dirigentes, frequentadores e entidades mostrou-se uma experiência rica e cheia de nuances, que me fez crescer, amadurecer e entender muito mais da diversidade da Umbanda. No entanto, esse processo também me colocou diante de um dilema que eu já havia enfrentado nos livros anteriores, mas neste se tornou mais eminente: *de qual Umbanda falar*?

Lembro-me de que, em meu primeiro livro, fiz uma opção por tratar de maneira mais abrangente de vários assuntos que pudessem interessar à maioria das vertentes. Explicando as raízes da Umbanda, era possível dar a entender ao leitor o porquê da minha escolha.

Sabemos que a Umbanda, embora possuidora de um padrão ritualístico próprio e distanciado de qualquer outro, formou-se devido à junção de pelo menos quatro religiões: os diferentes cultos africanos trazidos pelos escravos negros provenientes d'África; o Catolicismo, base religiosa de todo o processo colonizatório brasileiro; as religiões de diferentes povos indígenas do próprio território e, mais recentemente, ao instituir-se, no século XX, o Espiritismo de Allan Kardec, principalmente.

Mesmo delimitando essas quatro raízes, há outras ainda bastante difusas, e mesmo para estas, atribuem-se diferentes nomes e parâmetros: podemos encontrar influências indígenas mais presentes na dita Umbanda de Caboclo; já as africanas ficam mais evidentes no chamado Umbandomblé e na Umbanda Traçada, além de outras mais recentes, fruto principalmente de junções com o esoterismo, religiões pagãs de origem europeia e outras vertentes de cunho esotérico, que acabaram conhecidas como Umbanda Esotérica, Umbanda Iniciática, entre outras. Existe também a Umbanda Popular ou de Tradição, em que encontraremos um toque de cada veio

ancestral.
Por isso é que não existe uma única história que conte, de maneira uniforme, a história de todos os caminhos e manifestações da Umbanda. Cada vertente tem as suas origens e história, entretanto, por convenção, desde a década de 1970, aceitou-se que Zélio Fernandino de Moraes teria sido o anunciador da Umbanda por meio do Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 1908, criando moldes e parâmetros, firmando fundamentos, bases e dogmas que possibilitaram sua institucionalização enquanto religião. Mas esse marco não é, de forma alguma, o início dos trabalhos dos guias, tais como pretos velhos, caboclos, crianças, exus, entre outros, que já se manifestavam anteriormente, mas sem qualquer vínculo a uma instituição religiosa concreta, respeitando apenas os valores da mística ancestral.
Assim, não por dar preferência a qualquer destas vertentes, mas por tentar seguir uma linha histórica a partir das influências primeiras da Umbanda de Tradição é que optamos por desenvolver este trabalho de pesquisa sobre este gênero da religião.

Já neste livro, ao falar de sete linhas da Umbanda, minha opção se modifica um pouco. Decidi por bem valer-me acima de tudo da Umbanda Tradicional. Portanto, neste livro, o leitor encontrará uma breve introdução, recontando e remontando a história da Umbanda Tradicional, fundada por Zélio Fernandino de Moraes, para fazer um apanhado breve sobre o que podemos entender como Umbanda Tradicional.

Para começar a falar das sete linhas, farei uma breve introdução à Cosmogonia da Umbanda e à sua Teologia, mas creio que o mais importante e inovador deste livro seja que, com base nas pesquisas que tenho desenvolvido nos últimos anos, procurei estabelecer um sistema, um padrão para entender melhor as sete linhas da Umbanda.

Contudo, essa estrutura não é utilizada somente na Umbanda Tradicional – também se valem dela a Umbanda Astrológica ou Esotérica, a Umbanda Científica, entre outras. Como já frisei em minhas outras obras, não é por beneficiar esta ou aquela vertente que optei por trabalhar com a Umbanda Tradicional, mas sim por ver nela a origem do que se conhece formalmente por Umbanda nos dias de hoje.

Assim, espero que este livro seja de ajuda para novatos, leigos curiosos, sacerdotes e pesquisadores. Como autora e testemunha de que o melhor aprendizado vem com o diálogo, estou sempre à disposição do leitor. Qualquer tipo de comunicação pode ser direcionada a mim por meio do endereço eletrônico *janaina.azevedo@gmail.com* ou do site *www.casadejanaina.com*

Que minha mãe abençoe a todos.

Janaina Azevedo Corral

Introdução

Breve história da Umbanda

A Umbanda Tradicional tal qual a conhecemos foi fundada em 1908 por Zélio Fernandino de Moraes, nascido aos dez de abril de 1891, em São Gonçalo, Rio de Janeiro. Historicamente, podemos dizer que ele foi o fundador do que entendemos hoje por Umbanda Tradicional (ou anunciador desta doutrina por meio de sua entidade-guia, o Caboclo Sete Encruzilhadas). Contudo, é necessário dizer que, antes mesmo deste anúncio e da institucionalização da Umbanda, diversas formas de culto com moldes muito semelhantes se desenvolveram; afinal, a sementeira era fértil – o território brasileiro já continha uma diversidade étnico-social bastante grande, da qual provinham várias religiões que iam do Catolicismo popular e dos cultos aos ancestrais – provenientes dos índios e dos negros – ao culto aos orixás. Assim, as formas que precederam Zélio Fernandino não tiveram influências dele, por isso, historicamente, alguns não o consideram fundador do culto de forma geral, mas sim a pessoa que estabeleceu o marco zero da história da Umbanda.

A partir desse marco, alguns historiadores – provenientes ou não da religião – afirmam que a Umbanda nasceu com suas raízes no Catimbó, no Candomblé (quer os tradicionais, como os terreiros Nagôs e de Angola; formações já genuinamente brasileiras, quer como os Candomblés de Caboclos), influências estas trazidas tanto pelos próprios médiuns quanto pelos espíritos que se manifestavam nos trabalhos, até então rejeitados pela Federação Espírita Kardecista por causa do seu “atraso” espiritual.

O fundador e sua entidade-guia

Vindo de família tradicional, em fins de 1908, com dezessete anos de idade, Zélio preparava-se para o ingresso na carreira militar quando foi acometido por uma inexplicável paralisia, que os médicos não conseguiam entender, tratar ou curar, pois seu corpo parecia extremamente saudável, embora não se manifestasse qualquer movimento da cintura para baixo. Certo dia, ele ergueu-se no leito, declarando: "Amanhã estarei curado". No dia seguinte, de fato, ele se levantou normalmente e voltou a caminhar, como se nada lhe houvesse acontecido: os médicos não souberam explicar o ocorrido. Seus tios, padres da Igreja Católica, surpreendidos, também não souberam explicar o fenômeno. Um amigo da família, então, sugeriu uma visita à Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro (então sediada em Niterói), presidida, na ocasião, por José de Souza.

Na ocasião de sua visita, o médium dirigente da sessão pediu que Zélio se sentasse à mesa, pois teria um papel importante naquele dia. Durante a sessão na Federação Espírita do Rio de Janeiro, em determinado momento dos trabalhos, tomado por uma força desconhecida e superior à sua vontade que o deixava num estado de semiconsciência, contrariando as normas que impediam o afastamento de qualquer um dos integrantes da mesa, Zélio levantou-se e disse: "Aqui está faltando uma flor". Em seguida, saiu da sala para consegui-la.

Retornou em poucos momentos, trazendo uma rosa, que depositou no centro da mesa. Esse gesto causou um princípio de polêmica entre os presentes, mas dentro em pouco a corrente de energia fora restabelecida; porém, para surpresa geral, manifestaram-se, em vários dos médiuns presentes, espíritos que se identificaram como indígenas ou caboclos e escravos africanos. O médium-vidente que dirigia a sessão pediu que todos se retirassem, em virtude do "atraso" espiritual deles. De acordo com Zélio, em entrevistas cedidas posteriormente, nesse momento ele se sentiu novamente dominado pela estranha força espiritual, que o fez falar, sem saber o que dizia. Ouvia apenas a sua própria voz, perguntando o motivo que levava o dirigente dos trabalhos a não aceitar a comunicação daqueles espíritos, e por que eram considerados "atrasados" apenas pela diferença de cor ou de classe social que revelaram haver tido na última encarnação. Os ânimos se exaltaram, e os responsáveis pela mesa procuraram doutrinar – segundo as normas do kardecismo – e afastar o espírito que até então não se identificara, mas que permanecia, incorporado em Zélio. Embora a argumentação para tanto fosse muito sólida e pertinente dentro daquele ritual espírita, o espírito não ia embora, e um dos médiuns-videntes perguntou:

Afinal, por que o irmão fala nesses termos, pretendendo que esta mesa aceite a manifestação de espíritos que, pelo grau de cultura que tiveram quando encarnados, são claramente atrasados? E qual é o seu nome, irmão?

A resposta veio imediatamente e seria o primeiro passo na direção da formação do que conhecemos por Umbanda.

Se julgam atrasados estes espíritos dos pretos e dos índios, devo dizer que amanhã estarei em casa deste aparelho, para dar início a um culto em que esses pretos e esses índios poderão dar a sua mensagem, e, assim, cumprir a missão que o plano espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. E, se querem saber o meu nome, que seja este: Caboclo das Sete Encruzilhadas,

porque não haverá caminhos fechados para mim.

O médium-vidente insistiu, com ironia:

Julga o irmão que alguém irá assistir ao seu culto?

Ao que a entidade respondeu:

Cada colina de Niterói atuará como porta-voz, anunciando o culto que amanhã iniciarei.

No dia seguinte, dezesseis de novembro, na residência de sua família, na Rua Floriano Peixoto, n° 30, em Neves, acercando-se a hora marcada, estavam ali reunidos os membros da Federação Espírita, visando a comprovar a veracidade do que havia sido declarado na véspera, além de alguns parentes mais chegados, amigos, vizinhos e, do lado de fora da residência, grande número de desconhecidos.

A fundação e o caminho

Pontualmente às oito horas da noite, manifestou-se o Caboclo das Sete Encruzilhadas, declarando iniciado um novo culto em que os espíritos dos velhos africanos, que haviam servido como escravos e que, desencarnados, não encontravam campo de ação nos remanescentes das seitas negras, já deturpadas e dirigidas quase exclusivamente para trabalhos de feitiçaria, e os índios nativos do Brasil poderiam trabalhar em benefício dos seus irmãos encarnados, qualquer que fosse a cor, a raça, o credo e a condição social. A prática da caridade (amor fraterno) seria a tônica desse culto, que teria como base o Evangelho de Cristo e como mestre supremo Jesus.

Logicamente, em razão da presença de sacerdotes, fossem do Catolicismo ou da Federação Espírita, a entidade e seu médium foram submetidos a algumas provas: o Caboclo das Sete Encruzilhadas respondeu às mais diversas perguntas, até mesmo em idiomas desconhecidos de seu "aparelho" – o médium Zélio –, como latim, francês e alemão. Ao fazer isso, deixando todos estupefatos, ele passou à parte prática da sessão, mandando que entrassem pessoas doentes e com deficiências físicas diversas. O que se realizou foi ainda um complemento indescritível para todos os presentes: algumas pessoas que não andavam há anos saíram do lugar plenamente capazes de se mover, e doentes quase desenganados tiveram curas a olhos vistos, segundo relatos da época. Após estabelecer os fundamentos do culto e realizar a caridade de que falara antes na Federação, deu a tudo quanto se realizaria a partir daí um nome que possui os mais diversos significados, abrangendo desde as línguas africanas, até o sânscrito e as línguas tupis, pelo qual a religião se popularizaria: *Umbanda*. Antes do término dos trabalhos, manifestou-se um preto velho, Pai Antônio, tendo esse guia ditado o ponto hoje cantado em todo o Brasil:

Chegou, chegou, chegou com Deus
Chegou, chegou o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Com isso, no dia seguinte, foi fundada a primeira Tenda ou Casa de Umbanda, na própria residência: a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, assim denominada "porque, assim como Maria acolhe o filho nos braços, também seriam acolhidos, como filhos, todos os que necessitassem de ajuda ou conforto".

Dez anos mais tarde, em 1918, por orientação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, Zélio viria a articular e fundar mais sete tendas de Umbanda. O Caboclo das Sete Encruzilhadas declarou que iniciava a segunda parte de sua missão: a criação de sete templos que seriam o núcleo a partir do qual se propagaria a religião de Umbanda. A tarefa ficou completa com a fundação da Tenda São Jerônimo (a Casa de Xangô), em 1935. Já em 1939, o Caboclo determinou que se fundasse uma federação, posteriormente denominada União Espírita de Umbanda do Brasil, visando a atuar como núcleo central doutrinário para congregar os templos umbandistas.

O ritmo das atividades de Zélio diminuiu por volta de seus 55 anos, quando passou a direção da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade para as suas filhas Zélia de Moraes Lacerda (já falecida) e Zilméia de Moraes Cunha. Feito isso, fundou a Cabana de Pai Antônio, em Cachoeiras de Macacu, no estado do Rio de Janeiro, onde se estabeleceu e ficou até a sua morte, em 1975, com 84 anos de vida.

É certo que esse início da história da Umbanda de Tradição muito se confunde com a história de seu fundador e da entidade que dirigiu esta fundação nos primeiros anos e considerando suas primeiras atividades. Também é uma história polêmica, pois a Umbanda é, efetivamente, a primeira

religião a colocar-se em contato direto com as classes de pouco prestígio da sociedade, quebrando tabus ao valorizar uma sabedoria aquém e além dos livros: a sabedoria de cunho popular, de tradição oral, aquela que é passada de uma geração a outra.

As pedras no caminho

Desde seus primórdios, a Umbanda firmou-se como uma religião polêmica. Quer falássemos de ricos ou de pobres, homens, mulheres ou crianças, ou de qualquer pessoa, independentemente de sexo, cor ou condição social, as portas estavam abertas a todos os que precisassem de conforto, espiritual ou físico, que pudesse ser oferecido pelos médiuns ou pelos espíritos. Isso não era oferecido de maneira efetiva por nenhuma das religiões que se disseminavam até então.

O Catolicismo mantinha seu papel elitista e seu discurso conservador sobre concepções de pecado, e apesar de muitos padres terem apoiado abertamente os movimentos abolicionistas do fim do século anterior, os contatos dos negros com os cultos afro-brasileiros não eram bem vistos, fazendo a Igreja renegar os negros de maneira geral. Além disso, os brancos pobres e os mestiços também eram excluídos, por não poderem ser dizimistas ou colaboradores financeiros frequentes, pelo menos não como os mais abastados.

Já os cultos africanos fechavam-se cada vez mais em círculos restritos, o conhecimento das práticas era cada vez mais sigiloso e disseminava-se com frequência e força a prática constante da magia e da feitiçaria; nesse contexto, muitos dos cultos de ancestralidade e encantaria (isto é, cultos aos espíritos) foram rejeitados e excluídos dos terreiros de Candomblé, dando lugar aos trabalhos, ebós e despachos, transformando os fiéis e frequentadores em 'clientes' e começando um fenômeno negativo que se arrasta até hoje, cada vez mais comum e disseminado: o comércio de rituais.

Mais do que isso, muitos terreiros de Candomblé iniciaram um processo de rejeição à Umbanda, afirmando não existir qualquer culto africano que trate com espíritos, somente cultos de orixá, dizendo que tudo quanto era feito pela Umbanda não passava de farsa ou charlatanismo, que não existem espíritos evoluídos, apenas "Eguns", isto é, espíritos desencarnados pouco dotados de evolução espiritual, que se aliariam aos encarnados em busca de relações viciosas ou de se manter perto da matéria, tentando iludir-se com as sensações e a materialidade dos vivos.

As difamações mútuas (por parte da Umbanda, de que o Candomblé só tivesse mercenários, e por parte do Candomblé, de que a Umbanda só tivesse charlatões) criaram certas rinhas entre as duas religiões e um fenômeno muito constante: não é raro, até hoje, o processo de migração de pessoas que, criadas no Candomblé, vão para a Umbanda procurando sair do círculo vicioso do comércio de rituais, e da Umbanda para o Candomblé, de pessoas que buscam se aprofundar no culto ao orixá, sem abandonar, contudo, o culto aos encantados, espíritos guias e ancestrais.

Já a Federação Espírita mantinha, então, julgamentos de "evolução espiritual" baseados na erudição e na casta social. Não se viam mestiços ou ex-escravos fazendo parte das sessões, o que elitizava a religião. O Kardecismo foi se espalhando como uma religião de classe média para cima, de comerciantes, banqueiros e outros. Assim, a Umbanda foi excluída de seus parâmetros; era, por vezes, respeitada, mas muito rechaçada.

A Umbanda foi, ainda, alvo de perseguições por aceitar, sem muitas restrições, na maioria das casas, adeptos homossexuais ou bissexuais, entendendo, por exemplo, que o sexo é uma questão física, que o amor pode manifestar-se e manifesta-se por meio da essência ou da polaridade do espírito, das energias afins dos indivíduos, desmitificando as concepções de pecado e sendo uma das primeiras a abolir tabus sexuais no âmbito religioso. Essa contrariedade ao dogma católico, do qual ela se permite participar por conta de seu contato com o Catolicismo popular, desde sua fundação, foi alvo de críticas e perseguições, o que não enfraqueceu, pelo contrário, aumentou a força e a criação de subterfúgios da entidade para desviar-se dos obstáculos impostos e manter-se enquanto instituição social. Outras perseguições religiosas se deram por motivos diversos, em vários estados

do Brasil, prioritariamente em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde o número de adeptos é maior e mais assíduo. Como exemplo, pode-se citar a história da Associação Espírita Luz e Verdade, um templo de Umbanda localizado em São Paulo cuja importância é tamanha que sua história se confunde com a dos primórdios das tendas no Estado.

Seu fundador foi Félix Nascentes Pinto, nascido em 1º de abril de 1900, no estado do Rio de Janeiro. Sua primeira manifestação mediúnica ocorreu aos 25 anos de idade. Procurou então o senhor Benjamin Gonçalves Figueiredo, da Tenda de Umbanda Mirim, na Rua São Paulo, onde começou o seu desenvolvimento mediúnico e umbandístico.

Naquela época, a perseguição à Umbanda era muito grande no estado, conservadoramente católico, e ele, aconselhado pelo senhor Benjamim, mudou-se para a Bahia, onde foi iniciado no Candomblé. Foi para São Paulo, que também enfrentava acirradas perseguições aos umbandistas após a Revolução de 1930.

Após muito tempo de empenho pessoal, numa reunião realizada em dois de abril de 1953, firmou a ata de fundação da Associação Espírita Luz e Verdade, casa do Caboclo Arranca Toco. Durante todos esses anos, milhares de pessoas passaram por aconselhamentos, centenas de médiuns foram desenvolvidos e outros tantos saíram com formação e fundaram suas próprias casas.

A Umbanda continua, até os dias de hoje, a prosperar e a construir uma obra admirável baseada nos princípios daqueles que a idealizaram e lutaram por sua instituição e fixação: amor, respeito e aceitação.

O que é Umbanda Tradicional?

Vista a história contada nesta introdução, é necessário explicar como funciona a Umbanda Tradicional, já que, ao falar das sete linhas, é nesta variedade que encontramos sua gênese. Obviamente, muito se desenvolveu a partir da maneira como essas sete linhas foram criadas, e houve variações em quase todas as variedades da Umbanda, da Astrológica à Científica, da Umbanda de Nação à Esotérica. Assim, entender a estrutura básica da Umbanda Tradicional é parte essencial para compreender as sete linhas.

Como já dissemos anteriormente, a Umbanda teve um processo de formação, fundamentando-se nos seguintes conceitos:

I. Existe um *Deus único e superior*, a quem chamam de Deus, somente, Zambi ou Olorum. Ele é a fonte universal criadora, o princípio e o fim, o alfa e o ômega. A partir dele, surgem as demais divindades, que, obviamente, subordinam-se a ele. Nesse âmbito, existem os anjos, os orixás e os guias, que habitam o mundo espiritual, mas, por meio da mediunidade dos homens, estabelecem contato com o plano físico no intuito de manter o equilíbrio e auxiliar a evolução espiritual.
II. Os *orixás* são divindades que estão pouco abaixo do Deus Supremo; estão ligadas e representam elementos da natureza e interagem com os seres humanos no intuito de manter a evolução de cada indivíduo e sua relação com o planeta em que vivemos. São a representação mais pura da natureza e dos elementos naturais. Possuem traços de personalidade e humanidade e orientam as entidades e guias no trabalho que devem fazer na Umbanda. A partir deles é que surge a concepção das sete linhas, sobre o que falaremos a seguir.
III. Os *anjos* são figuras sagradas (e não divinas), seres abençoados que servem ao propósito de vigiar o plano físico e intervir nele somente por ordem direta de Deus. No Catolicismo, eles são figuras aladas (para ir do Céu à Terra, facilmente), puras e assexuadas, isto é, sem definição de gênero masculino ou feminino. Essa maneira de vê-los também foi adotada pela Umbanda, em que, geralmente, recorre-se muito menos a eles. Habitualmente, quando necessário, são evocados apenas os Arcanjos e Potestades, como Miguel, Rafael e outros, ou os Anjos Bíblicos,[1] como são conhecidos.
IV. Os *guias* e *entidades* são espíritos que visam a cumprir uma determinada missão espiritual. Em geral, é comum ouvirmos que um espírito vem à Terra somente quando tem luz e evolução já quantificadas e comprovadas, um argumento um tanto falho que era muito usado, embora não fosse de todo verdadeiro, para rebater as acusações, especialmente do Kardecismo, de que tudo o que havia na Umbanda eram espíritos obsessores e pouco evoluídos, que tentavam se associar aos vivos para obsedá-los. Entretanto, entre os guias e entidades, há aqueles de maior ou menor grau de evolução espiritual, pois no processo espiritualista, dar algo sem receber desequilibra a balança energética. Assim, o que recebemos, também damos. Ao associar-se a um médium, um espírito recebe a chance de ele mesmo evoluir, ajudando este médium, os outros e ajudando-se, respeitando o livre-arbítrio de cada uma das partes envolvidas.
V. Há ainda *espíritos* que, de maneira geral, podem atuar no plano físico, embora desencarnados, de maneira positiva, ajudando os guias e entidades, emanando energias positivas, entre outras coisas, ou de maneira negativa, obsedando, sugando energias ou gerando discórdia e vícios.
VI. A Umbanda prega a *reencarnação*. Os adeptos creem que exista um ciclo natural de nascimento – vida-morte-renascimento. São necessárias várias existências para alcançar o equilíbrio do

corpo (físico que, com o cessar de seu funcionamento, se projeta no astral), da mente e do espírito. Alcançado esse equilíbrio, a espiritualidade abre-se em inúmeros planos, e o ser, sublimado e transcendente, evolui.

VII. A *lei do equlíbrio* ou *da ação e reação* é um outro ponto fundamental dentro da Umbanda. Com o advento da Umbanda Astrológica ou Esotérica e o contato com o Budismo e o Hinduísmo – bem depois da gênese da religião –, muitos passaram a conhecer os conceitos pertinentes a essa lei como *kharma* e *dharma*, ou causa e consequência. Para entender essa lei, em primeiro lugar, é essencial entender a premissa da reencarnação, pois ela rege o equilíbrio entre as ações e as reações que cada pessoa gera enquanto evolui. Resumindo em palavras simples: tudo o que fazemos, toda ação que realizamos, gera uma reação, de igual força e em sentido contrário, isto é, que volta em nossa direção. Se plantarmos o bem, colheremos o bem. Se plantarmos o equilíbrio, colheremos o equilíbrio. Se plantarmos o mal, colheremos o mal. Se plantarmos vícios, colheremos vícios.

VIII. O praticante da Umbanda crê na utilização da *mediunidade*, em todas as suas formas (incorporação, audiência, vidência, clarividência e uso de oráculos, psicografia, percepções extrassensoriais) para interagir com o mundo espiritual, buscando evolução e integração com o mundo espiritual.

IX. Na Umbanda, a *evolução espiritual* e a *evolução material* do homem caminham lado a lado e equilibram-se mutuamente. O plano físico serve de aprendizado, bem como o plano espiritual para chegar à plenitude da existência e integrar-se com Deus.

Acima de tudo, os umbandistas creem que todos esses conceitos se manifestae por um motivo que pode ser resumido em quatro palavras: *amor*, *humildade*, *caridade* e *fé*.

---

[1] Em geral, na Umbanda, não se fala muito nos demais anjos, ao menos em sua vertente tradicional, pois eles são provenientes do Judaísmo, religião da qual pouca coisa ou quase nada chegou à Umbanda.

Capítulo 1

AS SETE LINHAS DA UMBANDA

Em geral, quando se fala em sete linhas da Umbanda, é comum que as pessoas expliquem *quais* são e não *o que* elas são. E por que sete, e não oito, nove ou doze? E por que linhas, e não exércitos? Por que orixás, e não anjos? Mais do que isso: que diferença isso faz em termos ritualísticos? Há alguma coisa essencial que nos tenha feito conhecer hoje em dia as sete linhas da Umbanda, e não, por exemplo, os nove tracejados ou os doze caminhos, ou ainda, as dezessete faixas?

Sim, para tudo isso existe um motivo. Aliás, um não: vários, nos quais se misturam razões espirituais, míticas, cosmogônicas, culturais, sociais e históricas.[1] É por isso que, antes de qualquer coisa, é necessário entender esses motivos e explorá-los.

O número sete e suas características gerais

Vamos começar com uma pergunta muito simples que há muito tempo eu, a autora, fiz a mim: por que são sete, e não mais ou menos linhas? Por que exatamente sete?

Minha primeira reação foi buscar o maior número de ocorrências envolvendo o número sete que pude encontrar, nas mais diversas áreas do conhecimento e em tudo que pudesse envolver ocultismo, misticismo, esoterismo e religiões – especialmente naquelas que influenciaram a Umbanda.

Começando a falar de coisas mais mundanas, percebi que são sete os dias da semana e, mais do que isso, vinte e oito (sete multiplicado por quatro) é o número de dias do ciclo lunar e, também, do ciclo menstrual feminino, que gera a fertilidade e a vida humana. Assim, acabei me lembrando, também, de que os dias da criação foram sete e, que, por isso, esse era o número de vezes ao dia que os cavaleiros templários ocupavam-se rezando a Deus. Outras ocorrências históricas do número em questão são também bastante conhecidas: na Grécia antiga, havia sete sábios e sete divindades que comandam a natureza; são sete as notas musicais: dó, ré, mi, fá, sol, lá, si; toda sepultura tem sete palmos; existe a tradição de pular sete ondas no réveillon; são sete os algarismos romanos que, somados, fazem que se possa contar infinitamente; nos jogos, sete é a soma das faces opostas de um dado de seis lados (um e seis, cinco e dois, três e quatro), além de, no baralho, a carta com esse número não ser padrão, como as outras; e quando jogamos dominó, começamos com sete pedras nas mãos. Todas essas são pequenas curiosidades que facilmente podemos descobrir acerca desse número.

Então, fui atrás da História e das outras ciências. Na Arquitetura, encontrei o sete no número de maravilhas do mundo antigo (as pirâmides de Gizé; os jardins suspensos da Babilônia; o farol de Alexandria; o colosso de Rodes; o mausoléu de Halicarnasso; a estátua de Zeus em Olímpia; e o templo de Ártemis, em Éfeso) e do mundo moderno (Machu Picchu; o Taj Mahal; Chichén Itzá; o Cristo Redentor; a grande Muralha da China; as ruínas de Petra; e o Coliseu de Roma). Mesmo na História do Brasil, há consideráveis ocorrências relativas ao número sete: no número de cargos eletivos nas eleições brasileiras; na quantidade de estados que tiveram sua polícia desafiada por Lampião; no número de páginas da carta de Pero Vaz de Caminha; no dia da independência do Brasil, que também ocorreu em setembro, mês que, embora seja o nono do ano no calendário gregoriano, era o sétimo mês do calendário romano e, por isso, tem o nome iniciado com a palavra "sete"; além disso, o nome do Brasil aparece sete vezes no hino nacional brasileiro e hoje, com a Constituição promulgada em 1988, estamos na sétima Constituição brasileira e, pelo visto, a mais duradoura. Além disso, segundo a Física, o sete está presente no número de cores refratadas por um prisma e que podem ser observadas a olho nu em um arco-íris: vermelho, laranja, amarelo, verde, anil, azul e violeta.

Será que tantas ocorrências assim são coincidências ou momentos distintos em que podemos ver a ordem do funcionamento deste mundo em ação, na sua lógica mais pura? Dizia Pitágoras:[2]

A evolução é a lei da vida, o número é a lei do universo, a unidade é a lei de Deus.

Assim, crer que tudo não passa de grande coincidência, de fatos de entretenimento para curiosos, é um pouco de imaturidade. Temos a confirmação disso ao procurar o número sete em tudo quanto está relacionado aos conhecimentos do oculto e às religiões que deram origem à Umbanda.

Na Astrologia, verificamos que são sete os astros sagrados, isto é, o Sol, a Lua e os planetas

Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno (para outros, o Sol e a Lua são representações do sagrado masculino – Sol; e do feminino – Lua; incluindo dentre os astros sagrados, então, Netuno e Plutão, os dois últimos astros do sistema solar). Também na Astrologia, há sete constelações que possuem sete estrelas, e segundo Tycho Brahe, astrônomo dinamarquês, existem 777 estrelas no firmamento.

No Espiritualismo, os planos da evolução, os elementais, os grandes princípios herméticos; os signos representados por animais, os princípios da moral, e as virtudes humanas são sete.

Já no Cristianismo, algumas das curiosidades relacionadas ao número sete são bastante conhecidas, dada a vasta extensão do Catolicismo no mundo moderno, canônico ou popular: diz a tradição que Joana D'Arc, ao ser queimada na fogueira, exclamou sete vezes o nome de Jesus, que sete anos foram gastos na construção do templo de Salomão e que serão sete as trombetas a soar no Apocalipse, além de a última frase de Jesus, antes de morrer na Cruz, haver tido sete palavras, mesmo em sua tradução do hebraico: "Pai, em tuas mãos, entrego meu espírito". Mais do que isso, são muitas as referências ao número sete no Catolicismo canônico: os pecados capitais (vaidade, avareza, ira, preguiça, luxúria, inveja e gula); as virtudes cardinais (castidade, generosidade, temperança, diligência, paciência, caridade e humildade); e os sacramentos (batismo, confirmação, eucaristia, sacerdócio, penitência, unção dos enfermos e matrimônio). Além disso, eram sete também as igrejas da Antiguidade, os graus de hierarquia dos anjos, as dores de Nossa Senhora, os livros do Antigo Testamento, as chagas de Cristo, entre outros.

Todos esses fatores fazem do número sete um dos pilares da Cosmogonia da Umbanda, já que ela está profunda e intrinsecamente ligada ao Catolicismo popular e acaba herdando dele essas características.

Porém, quando chegamos a falar sobre as relações desse número com os orixás provenientes dos cultos africanos, o assunto se complica um pouco. Tudo porque, diferentemente da Cosmogonia judaico-cristã, que tem forte base nos números um (a Unidade), três (a Trindade) e sete (a Criação), nos cultos africanos essa base muda para outra, bastante diversa e bem mais intrincada – que fique claro que, aqui, não falamos de Matemática, mas de visão e organização numérica do mundo.[3] Para os africanos, a base não está em apenas três números, mas em dezesseis – os dezesseis primeiros números da contagem numérica, da enumeração quantitativa, que representavam as possibilidades do Destino às quais estava vinculado o espírito humano. A isso foi dado o nome de odus, sobre o que falaremos um pouco para, em seguida, continuar as explanações sobre as sete linhas da Umbanda.

Os odus, a criação e os orixás no Brasil

Os ritos iorubanos tradicionais e animistas que vieram para o Brasil possuem um sistema orgânico bastante diferente da maior parte das religiões ocidentais, a começar dos mitos referentes à Criação até a ritualística.

O que nos importa, contudo, é a parte numérica dessa organização.[4] Daí a importância dos odus. Assim, a primeira pergunta que surge é simples e direta: *o que são odus*?

Os odus são divindades que regem o Destino nos cultos iorubanos e nagôs. Eles são os presságios, predestinações, destinos e estão vinculados aos orixás. Eles foram criados por Orunmilá-Ifá, são seus filhos, para reger o destino dos homens, dos mundos e dos orixás – afinal, mesmo eles não mudam o destino da vida, apenas executam suas funções dentro da natureza liberando energia para que todos possam dela se valer em seus caminhos. O odu é o caminho no qual tudo o que existe está inserido, seja inerte, como parte da estrada, seja como um viajante passando por ela. Na concepção iorubana, os odus podem ser negativos ou positivos (essa dualidade garante o seu equilíbrio), o que não significa, de maneira nenhuma, que eles estejam ligados ao bem ou ao mal, mas sim que seguem em direções opostas.

Para os iorubanos, nós nascemos regidos por um odu que se faz presente na data do nosso nascimento e outro em nosso nome. Assim, quando uma pessoa vem ao mundo, dois odus determinam sua vida do princípio ao fim, e a relação destes dois odus com os outros que regem o mundo e as outras pessoas que nele habitam é que vai determinar as nossas vidas. Essas relações são bastante complexas e, em geral, na África, para demarcar a presença desses odus, os sacerdotes, ou babalaôs valiam-se do jogo de búzios, ou *meridilogun*, já que a língua não era escrita e, no máximo, era representada por símbolos. Inúmeros outros odus acabam fazendo parte do dia a dia de cada pessoa.

Quantos são, contudo, os odus?

Em princípio, falamos em dezesseis odus, que são, respectivamente:

1. Okaran (relacionado com Exu Orixá);
2. Ejiokô (relacionado com Ogum);
3. Etaogundá (relacionado com Omolu);
4. Irosun (relacionado com Iemanjá);
5. Oxê (relacionado com Oxum);
6. Obará (relacionado com Xangô);
7. Odi (relacionado com Oxóssi);
8. Ejionilê (relacionado com Oxaguiã);
9. Osá (relacionado com Iansã);
10. Ofum (relacionado com Oxalá ou Oxalufan);
11. Oawarin (relacionado com Obaluaiê);
12. Ejilaxebora (relacionado com Xangô);
13. Edioloban (relacionado com Nanã Burukê);
14. Iká (relacionado com Oxumarê e Ewá);
15. Obeogundá (relacionado com Obá);
16. Alafia (relacionado aos orixás da Criação).

Todos eles têm uma face negativa e uma positiva, o que gera, ao menos, 32 combinações:

2 faces × 16 odus = 32 possibilidades

Quando esses dezesseis odus combinam-se entre si (considerando que um odu pode combinar-se consigo, seja no positivo ou no negativo) geram-se 256 possibilidades, novos odus que são chamados, na verdade, de omodus:

16 odus × 16 odus = 256 omodus

Estes também possuem negativo e positivo, o que gera:

2 faces × 256 omodus = 512 possibilidades

Enfim, as relações combinatórias são infinitas, pois quando se trata de odus, eles regem tudo quanto pode existir; assim, sempre haverá um número considerável deles a tomar em cada situação. Essa estrutura tem uma representação piramidal, como mostramos a seguir:

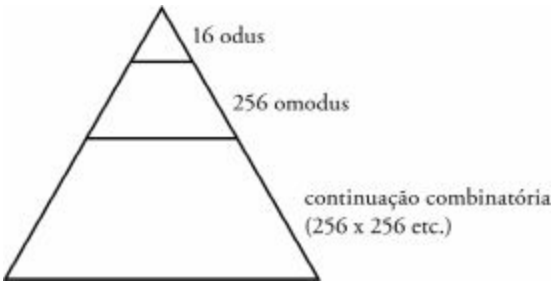


Figura 1.1.: *Representação piramidal.*

Além disso, é necessário dizer que, em muitos lugares onde não havia nenhum escravo que tivesse sido um sacerdote e aprendido todos os segredos das religiões trazidas da África, o culto aos orixás perpetuou-se de maneira mais restrita, permanecendo apenas os orixás que figuravam mais próximos da realidade e deste plano de existência, além de serem mais familiares, pois o culto era mais aberto do que o dos odus e omodus ou do que o culto dos orixás mais velhos. Assim, permaneceram cultuados Oxalá (O pai), Iemanjá (A mãe), Oxum (A esposa), Xangô (O rei), Oxóssi (O caçador, senhor da fartura), Ogum (O guerreiro), Iansã (O vento que leva notícias e o espírito, quando este se separa do corpo), Nanã (A avó, representando a sabedoria dos mais velhos) e Omolu (O senhor da peste, aquele que conhece a cura). Principalmente estes são os conhecidos e os que acabaram estabelecendo maior contato com a Umbanda, e por isso, a partir deles formaram-se as sete linhas, valendo-se do valor cosmogônico do número sete, proveniente da cultura judaico-cristã e da estrutura hierárquica dos odus e omodus, aplicando-a aos orixás mais conhecidos dentre todos os frequentadores, especialmente os de origem negra.

A estrutura básica das sete linhas

Com tudo o que já falamos sobre as religiões que deram origem à Umbanda, especialmente o Catolicismo e as religiões de origem africana, fica mais fácil entender como surgiu o sistema das sete linhas dentro da Umbanda. A organização sistemática numérica, baseada no número sete, veio do Cristianismo, e a regência, bem como a estrutura piramidal das linhas, veio das religiões africanas. Assim, temos a linha de Oxalá, de Ogum, de Oxóssi, de Xangô, das Águas, de Yori e Yorimá e do Oriente. Essas linhas funcionam de uma maneira bem distinta, numa estrutura piramidal, segundo o que segue:

1º nível hierárquico
1 orixá maior

2º nível hierárquico
7 chefes de legião

3º nível hierárquico
49 chefes de falange

4º nível hierárquico
343 segundo-comando de falange

5º nível hierárquico
(Guias) 2 401 chefes de grupamentos

6º nível hierárquico
(Protetores) 16 807 chefes integrantes de grupamentos

7º nível hierárquico
117 649 entidades integrantes de grupamentos

Como podemos ver, além das influências que já vimos do Cristianismo e das religiões africanas, há também uma presença marcante da hierarquia entre os espíritos (de uma maneira quase militar, estratégica – típica da organização dos índios em tempos de guerra, isto é, importada de seu sistema social, contudo baseada na evolução espiritual e na proximidade dos orixás maiores e do próprio Deus, padrão típico do Kardecismo).

Portanto, após essa análise minuciosa e profunda, percebemos como surgiu a estrutura das sete linhas (provavelmente de maneira bem análoga à própria Umbanda, inserindo elementos das quatro religiões formadoras em um mesmo sistema).

Contudo, falta responder, na minha opinião, a mais importante das questões, que acaba abarcando outras tantas: *por quê*?

Porquês e mais porquês

Não é raro que muitas pessoas digam que a fé está sempre cercada de mistérios e que quem tem fé verdadeira não pergunta o motivo, apenas acredita e segue. Essa doutrina nunca funcionou muito bem para mim e para muitas pessoas que conheço.

A Umbanda prega a evolução física e espiritual, portanto é perceptível a necessidade concreta de acumular conhecimentos constantemente. Esses conhecimentos só chegam a nós quando o "bichinho coçador" que pergunta "por quê" nos atazana por tempo suficiente para não ficarmos em paz, mesmo ao ouvirmos a resposta: "porque sim".

Então, nada mais justo do que dizer: *por que falar em sete linhas*?

A resposta, simples ou não, é que esta é apenas uma forma de ver o mundo, interpretar sua realidade e dar nomes ao que vemos, ouvimos, sentimos e entendemos. A partir do momento em que o homem desenvolveu a linguagem e as línguas, tudo o que presenciamos é uma visão de mundo. O que é verdade para uns não é para outros.

Algumas vezes, afirmamos ou vemos outros afirmarem que certas coisas "não existem", "não estão certas", "não podem ser feitas diferentes". Bom, aí é que está: nenhum de nós é detentor da verdade universal, e, se tivéssemos o conhecimento dos deuses, seríamos eles ou estaríamos ao seu lado, desempenhando sua função. Quando o fanatismo nos deixa cegos ou colocamos interesses e imagem pessoais acima do que é verdade para o nosso coração, começamos a julgar o que o outro faz, como faz e por que faz. E o fazemos sem mérito, capacidade ou moral para isso.

No meu último livro toquei nesse assunto, discutindo os conflitos e afinidades entre o Candomblé e a Umbanda. Em alguns dos trechos, discuti justamente esta questão:

Poucos seres humanos têm a capacidade de respeitar as opiniões e as verdades dos outros. Parece que há um mecanismo em nós que nos incita a necessidade de convencer os outros de que, acima de tudo, estamos sempre corretos. A opinião do outro sempre precisa ser revista, pois raramente está "certa" [...] diferente do que possa parecer, as críticas não são fruto da maldade ou da intriga. Em 90% dos casos, elas são fruto do desconhecimento de uns sobre a prática dos outros. [...] Neste caso, quem está certo? Ninguém. Os adeptos do Candomblé têm seu ponto de razão e os de Umbanda também. E se os deuses e espíritos ou mensageiros se manifestam em ambos para cumprir suas missões é porque cada caso individual, quem julga o que pode ou não ocorrer, o que deve ou não ser feito, é o orixá, não o ser humano. A ciência das próprias capacidades pertence a eles mesmos, e quando tecemos uma crítica contra o outro, tecemos críticas contra eles [os orixás], prepotentes. Tanto este é o ponto que, quando um orixá ou entidade não se sente bem dentro de um culto, templo, vertente religiosa ou casa, ele mesmo se incumbe de conseguir outro lugar e mudar-se, levando consigo o filho e quem mais estiver associado a ele. Tudo é uma questão de aprendizagem e de necessidade.

Apoiada nessas palavras é que volto a dizer: o que coloco neste livro é apenas uma proposição sistemática, para que os interessados na religião e adeptos dela possam entender melhor o que são as sete linhas da Umbanda. Em muitas casas, a prática ritual e doutrinária pode diferir em tudo do que está colocado aqui. Não quer dizer que este livro contenha informações erradas ou que a prática da casa esteja errada. Quer dizer que as palavras mudam. O universo é o mesmo; a maneira pela qual o vemos é que difere: só se outra pessoa fosse capaz de enxergar por meio dos meus olhos e sentir

como eu me sinto, sendo eu, é que ela seria capaz de concordar integralmente comigo.

E por quê?

Porque foi assim que Deus nos fez, seres pensantes que evoluem por meio desse pensamento.

---

[1] Minha opção como autora sempre foi a de esclarecer o que é conhecimento comum e prático da religião e da prática envolvida. Uma vez que sabendo os porquês, a fé e o caminho a ser percorrido ficam muito mais simples. Alguns dirigentes pensam que o conhecimento só deve ser passado em última instância, já que a fé cega é a fé verdadeira. Entretanto, na Umbanda, é possível enxergar dois caminhos: o caminho do conhecimento (que é o da ritualística e dos preceitos religiosos) e o caminho do autoconhecimento (este sim, cheio de mistérios e único, cuja responsabilidade de interpretação recai sobre ninguém mais além do médium e faz parte da evolução espiritual dele, de seu meio, de seus guias e de suas entidades).

[2] Pitágoras de Samos (do grego Πυθαγόρας) foi um filósofo e matemático grego que nasceu em Samos entre cerca de 570 a. C. e 571 a. C. e morreu em Metaponto entre cerca de 496 a. C. e 497 a. C.

[3] Para mais informações ver: LAPLATINE, François. *Aprender Antropologia*.

[4] Há cerca de três anos, venho pesquisando uma organização moderna desse sistema orgânico. Contudo, minha pesquisa ainda está em vias de publicação. Maiores informações podem ser encontradas em meu website: *www.casadejanaina.com*.

Capítulo 2

ELEMENTOS ESSENCIAIS

Para dar continuidade a esse assunto e passar, propriamente às sete linhas, é necessário agora enumerar quais são elas e, especialmente, suas características básicas.

Assim, podemos enumerar:

Linha 1 – linha de Oxalá
Linha 2 – linha das Águas
Linha 3 – linha dos Ancestrais (Yori e Yorimá)
Linha 4 – linha de Ogum
Linha 5 – linha de Oxóssi
Linha 6 – linha de Xangô
Linha 7 – linha do Oriente

Alguns podem se perguntar por que eu decidi enumerar as linhas nessa ordem, e não como a maioria faz, deixando por último Yori e Yorimá e a linha do Oriente. A questão é que a ordem que permanece e pela qual muitos de nós aprendem sobre as sete linhas não está baseada em um quesito religioso da Umbanda, mas sim na ordem do Xirê (gira) do Candomblé, de acordo com a entrada dos orixás no ritual. Com isso, mantendo aquela ordem predeterminada, ignoramos os elementos pelos quais as linhas se relacionam – não hierárquica, mas logicamente – em benefício de um simples artifício mnemônico (relacionado à memória). Ao conversar com diversos sacerdotes e a partir dos meus próprios estudos e pesquisas, físicos e espirituais, comecei a perceber que, embora todas as linhas estejam em pé de igualdade, nenhuma é hierarquicamente superior às demais – exceto talvez a linha de Oxalá, o que as difere é sua área de atuação e vibração.

A linha de Oxalá, por exemplo, trata de assuntos gerais relacionados a praticamente todos os aspectos da vida do indivíduo; entretanto, com maior frequência essa linha está mais relacionada a assuntos de família, saúde, casamento, filhos, afinal Oxalá, aquele que a rege, é o pai de todos e senhor da Criação. Tudo quanto está relacionado à Criação passa por ele. Ele também é a representação da essência masculina e paterna, do homem e esposo.

Já a linha das águas abarca duas divindades: Oxum e Iemanjá. Essa linha está relacionada também aos assuntos de família, casamento e filhos, mas pelo lado feminino, já que a essência que a rege é feminina. Oxum e Iemanjá são a própria representação da feminilidade, da vaidade, do cuidado e da fertilidade. Esposas, mães e filhas dedicadas.

Nessa organização sistêmica, em seguida vem a Linha de Yori e Yorimá. Neste ponto é que surgem as dúvidas, algumas das quais requerem uma explicação antes de prosseguirmos. Essa explicação diz respeito à maneira como as linhas foram organizadas.

Conforme foi se organizando a Umbanda após sua institucionalização, dada a diversidade étnica e ritualística do contexto histórico, surgiram muitas formas de relacionar as entidades, todas a partir do que era chamado de linhas da Umbanda.

Desde o princípio, falava-se em cinco linhas, que permaneceram, como alguns autores dizem, fixas: a linha de Oxalá, das águas ou de Iemanjá (como Oxum é filha de Iemanjá com Oxalá e representa as águas doces, bem menos predominantes no planeta, ela era incorporada automaticamente à linha de sua mãe, a rainha do mar), de Ogum, de Oxóssi e de Xangô. Sobravam, no entanto, duas linhas, que sempre tinham sido motivo de grande discussão: alguns chamavam de linha do Oriente, outros de linha das Crianças, outros de linha das Almas, de linha dos Ancestrais, linha de Iansã, linha dos Espíritos de luz, linha de Omolu, enfim, nomes não faltavam e discórdia também não.

Mais recentemente, surgiu a explicação de que seriam as linhas de Yori e Yorimá. Mas de onde veio isso? Esses nomes tinham alguma relação com os anteriores?

A questão real é que, após muitos estudos de âmbito linguístico e espiritualista, esses dois aspectos acabaram se mostrando semelhantes, parte de uma mesma linha: aquela que se relaciona aos ancestrais e às fases da vida do ser humano. Assim, essa linha seria regida por Ibeji e Omolu – os primeiros representam a juventude do homem, a infância e zelam por aspectos como pureza, castidade, educação, crescimento, e o segundo trata especificamente da saúde, das doenças e do fim da vida. Essa linha, portanto, incorpora tudo quanto estaria relacionado naquilo que muitos conhecem como linha das almas, das crianças, dos ancestrais e dos espíritos de luz. Ela simboliza o princípio e o fim da vida carnal e a permanência do espírito, que é eterno.

Em seguida, vem a linha de Ogum, que rege tudo quanto é luta ou batalha, física ou espiritual, tudo quanto precisa ser construído, forjado a ferro e fogo.

Logo depois, vem a linha de Oxóssi, relacionada com a fartura e a prosperidade. Na Umbanda, ele é o orixá que rege a caça e a agricultura, bem como a agropecuária. Tudo quanto é natureza intocada ou pouco modificada faz parte daquilo que Oxóssi rege.

Em penúltima instância vem a linha de Xangô, relacionada com tudo quanto é justiça e lei. Xangô é rei porque é justo, e a ele os homens recorrem para obter justiça.

Por último, a linha do Oriente, regida por Iansã, a senhora dos ventos, que corre o mundo, chegando inclusive aos lugares mais distantes. Esta é uma das linhas de maior polêmica, tal qual Yori e Yorimá, pois era considerada uma das linhas mutáveis de acordo com a vertente de Umbanda que se seguia. Nessa linha estão relacionados os aspectos da transcendência do homem, a vidência e a mediunidade, o aprendizado e o conhecimento, trazidos de longe, de muito longe, pelos espíritos evoluídos para a Umbanda.

Cada uma dessas linhas tem alguns aspectos básicos, como regência, estrutura, explicações para as origens da linha, entre outros, que trataremos em parte específica. A novidade fica por conta das explanações sobre giras e rituais dedicados a cada uma das linhas e as épocas do ano em que se comemora cada uma.

Guias e entidades nas sete linhas

Outro assunto importante, que não tocamos até agora, é o papel dos guias e entidades nas sete linhas.

Para entender como uma entidade trabalha, devemos analisar a forma pela qual ela se apresenta. Ao apresentar-se sob um título (caboclo, preto velho, cigano, baiano, qualquer um), a entidade assume uma personalidade, uma missão e características muito específicas para trabalhar em terra.

Observação: ressaltamos que não fazem parte das sete linhas as entidades que se apresentam como exus e pombagiras, malandros e mestres. Os primeiros, obviamente por estarem ligados totalmente à materialidade devida a todo corpo com espírito vivente, e os últimos, os mestres, por serem da jurema e do catimbó, em geral ancestrais, que não estão ligados diretamente aos orixás, mas sim aos médiuns.

I – Caboclos e pretos velhos[1]

Os caboclos são, ao lado dos pretos velhos, as entidades mais respeitadas e mais evoluídas da Umbanda, sem contar que são também as duas raízes primordiais da religião: a indígena e a negra. Há quem tente classificar de maneira tal que os caboclos sejam mais evoluídos; há quem diga que são os pretos velhos. Ao lado deles, em termos de evolução, também ficam os ciganos da linha do Oriente (pois são entidades também dotadas de grande nível de evolução).

Já no que concerne aos pretos velhos são espíritos de velhos africanos ou afro-brasileiros que viveram nas senzalas e na África. Aqueles que estiveram no Brasil, majoritariamente, foram escravos que morreram no tronco ou de velhice. Aqueles que viveram na África ou mesmo em outros lugares eram feiticeiros, escravos e curandeiros.

Eles respondem, em sua grande maioria na linha dos ancestrais, na face de Yorimá – ou como muitos chamam, a linha das almas. Aqueles que, tais quais os caboclos, evoluíram e estão em suas últimas instâncias evolutivas, acabam respondendo diretamente à linha de Oxalá, preparando-se para dar os próximos passos no astral. Em geral estão em terra cuidando de seus últimos filhos ou aprendendo a não perder a humanidade e mantê-la em equilíbrio com o cosmos.

A realidade é que, entre as demais entidades, eles estão, com certeza, no mais alto grau de evolução. Podem vir em praticamente qualquer uma das sete linhas e em geral são os responsáveis pela cabeça dos seus filhos. Raríssimos são os casos em que outra entidade o é, havendo um preto velho ou um caboclo dentre as entidades daquela pessoa.

Há algumas características a observar que tornam mais fácil a identificação da linha do caboclo ou preto velho. Como exemplo, podemos notar que, após o seu nome, em geral, essas entidades se identificam por suas origens: entre os caboclos, os que são caboclos da mata viveram mais próximos da civilização ou tiveram contato com ela; já os chamados caboclos da mata virgem viveram mais isolados, com maior e mais profundo contato com a natureza, um pouco arredios à sociedade urbana; já entre os pretos velhos, podem se identificar como do Congo, que geralmente respondem aos orixás Xangô e Iansã; de Angola, que respondem a Ogum; das matas, que respondem a Oxóssi; da Calunga, que respondem a Iemanjá; do cemitério ou das almas, que respondem a Nanã ou Omolu; ou ainda, de Aruanda, aqueles que respondem diretamente a Oxalá.

Os nomes de pretos velhos são, em geral, uma mescla do uso de adjetivos carinhosos, como tia, tio, vô, pai e vovó, com seus respectivos nomes. Exemplos:

- Pai Francisco
- Pai Guiné
- Pai João
- Pai Joaquim
- Pai Jobim
- Pai José
- Pai Maneco
- Pai Roberto
- Pai Tomaz
- Tia Ana
- Tia Maria
- Tia Maria das Dores
- Tia Quitéria
- Tia Rosário
- Velho Benedito
- Velho Jacó
- Velho Liberato
- Vovó Ana
- Vovô Antônio
- Vovó Benedita
- Vovó Cambinda
- Vovó Catarina
- Vovó Cecília
- Vovô Cipriano
- Vovô Mané
- Vovó Maria Conga
- Vovó Quitéria

Já os caboclos possuem nomes bastante intrincados e uma organização que pode variar entre linhas, orixás a que respondem e suas funções na terra.

Respondem como caboclos da linha de Ogum:

- Águia Branca
- Águia Dourada
- Águia Solitária
- Arariboia
- Beira-mar
- Caiçara
- Guaraci
- Icaraí
- Ipojucan
- Itapoã
- Jaguaré

- Rompe-aço
- Rompe-ferro
- Rompe-mato
- Rompe-nuvem
- Sete Matas
- Sete Ondas
- Tabajara
- Tamoio
- Tupuruplata
- Ubirajara

Respondem como caboclos da linha de Oxóssi:

- Aimoré
- Arapuí
- Arruda
- Boiadeiro
- Caboclo da Lua
- Caçador
- Flecheiro
- Folha Verde
- Guarani
- Japiaçu
- Javari
- Junco Verde
- Mata Virgem
- Paraguaçu
- Pena Azul
- Pena Branca
- Pena Dourada
- Pena Verde
- Rei da Mata
- Rompe-folha
- Serra Azul
- Sete Encruzilhadas
- Sete Flechas
- Tapuia
- Tupaíba
- Tupiara
- Tupinambá
- Ubá

Respondem como caboclos da linha de Xangô:

- Araúna
- Caboclo do Sol
- Cachoeirinha

- Cajá
- Caramuru
- Cholapur
- Cobra Coral
- Girassol
- Goitacaz
- Guará
- Guaraná
- Janguar
- Jupará
- Mirim
- Rompe-serra
- Sete Cachoeiras
- Sete Caminhos
- Sete Estrelas
- Sete Luas
- Sete Montanhas
- Sultão das Matas
- Treme-terra
- Tupi
- Ubiratan
- Urubatão
- Urubatão da Guia

Em alguns casos, eles podem vir na linha de Oxalá. Quando isso acontece, eles são agregados à linha de Oxalá por terem evoluído o suficiente para chegar nesse ponto e responder diretamente a esse orixá, ou seja, são caboclos e caboclas muito evoluídos, que já serviram a outros orixás e estão em suas últimas instâncias evolutivas, quando não cuidando de seus últimos filhos na Terra para passar finalmente a uma etapa diferente da evolução, no plano astral. Assim, nenhum caboclo ou cabocla, ou ainda caboclinho, em princípios de sua evolução, virá na linha de Oxalá. Quem responde nesta linha está nela por merecimento, por sabedoria e iluminação.

As caboclas, em geral, se apresentam na linha das águas, respondendo diretamente a Iemanjá, Oxum e Nanã.

Sob ordens de Iemanjá, respondem:

- Cabocla da Praia
- Diloé
- Estrela D'alva
- Guaraciaba
- Jaci
- Jacira
- Janaína
- Jandira
- Sete Ondas
- Sol Nascente

Sob ordens de Oxum, respondem:

- Araguaia
- Estrela da Manhã
- Imaiá
- Iracema
- Jaceguaia
- Jandaia
- Jupira
- Juruema
- Juruena
- Mirini
- Suê
- Tunué

Sob ordens de Nanã, respondem:

- Açucena
- Inaíra
- Janira
- Juçanã
- Juraci
- Jutira
- Luana
- Muiraquitan
- Paraguaçu
- Sumarajé
- Xista

Há, também, casos de caboclas que respondem sob ordens de Iansã, embora mais raras. Elas possuem uma vibração cruzada, em geral bastante semelhante às dos povos do Oriente, e não raramente, não serão índias brasileiras ou oriundas daqui:

- Bartira
- Ivotice
- Japotira
- Jurema
- Jussara
- Maíra
- Palina
- Poti
- Potira
- Raio de Luz
- Talina
- Valquíria

II – Ciganos e boiadeiros

Logo depois dos caboclos e pretos velhos, em geral, as entidades que os seguem em nível de evolução próximo são os boiadeiros (que habitualmente respondem nas linhas de Ogum e Oxóssi) e os ciganos (que em geral respondem na linha do Oriente e na linha de Xangô).

Os boiadeiros são os melhores representantes do peão, do homem do campo que se dedica à lavoura e à pecuária. Em geral, grande parte dos boiadeiros vem das grandes fazendas do Norte e Nordeste de outrora, o tempo da fartura e das criações de grandes pastos. Eles cantam canções antigas, que remetem a uma vida mais simples e ao trabalho, ensinando-nos a força que ele tem. Sua principal lição é que a maior das magias e o maior dos milagres são feitos com a força de vontade de cada um.

Os ciganos, por sua vez, embora muito conhecidos e dos quais muitos já ouviram falar, por vezes se veem confundidos com exus, pombagiras e malandros que, muitas vezes, usam o nome de "cigano isto" ou "cigano aquilo", "cigana deste ou daquele lugar", em um sentido pejorativo que tem mais a ver com o fato de serem indivíduos errantes e sem paradeiro. A questão é que os ciganos, na Umbanda, são muitas vezes incompreendidos, pois têm comportamento próprio, linguajar peculiar e uma moral que seguem a todo custo, difícil de assimilar na nossa cultura. Muitas vezes, eles são incluídos nas linhas do Oriente, entretanto o correto seria classificá-los dentro de uma linha própria, dotada de poder e em graus hierárquicos complexos, organizados por famílias, como são os reais ciganos, e regidos pelos quatro elementos naturais (terra, água, ar e fogo). Em algumas casas, onde há grande manifestação desse povo, não é incomum que, em vez de cultuar a linha do Oriente, o culto seja dedicado exclusivamente aos ciganos, como linha do povo cigano.

III – Crianças

Os erês, ou crianças (na Angola, vungi) são espíritos, entidades que representam a alegria, a sinceridade, a inocência, tudo o que é puro. Representam as crianças, são alegres, travessos, manhosos, cheios de dengo e manias. São a síntese da pureza.

Geralmente são muito ligados à face de Yori, na linha dos ancestrais, com grande vínculo com os pretos e pretas velhas, sempre pedindo suas bênçãos e referindo-se a eles como vô e vó. Dependendo de seu grau de evolução, podem responder também pela linha de Oxalá ou das águas, já que Iemanjá é a mãe de todos e senhora das cabeças e das crianças.

Costumam ser muito apegados aos seus apetrechos. Cada um deles tem uma mania: chupetas, bonecas, carrinhos, bonés, marias-chiquinhas, travesseiros, talco etc.

Sempre quando estão na Terra, esperam muitos agrados, adoram doces, guloseimas, balas, pirulitos e um grande bolo todo confeitado e um "parabéns a você" para eles cantarem e apagarem as velinhas. São muito sensíveis, mas justamente por isso são entidades de grande sabedoria que, entre brincadeiras, soltam as "verdades" que precisamos ouvir.

IV – Marinheiros

Desde as calmarias até as tempestades, da paz à guerra, da guerra à paz, eles trabalham nas águas e trazem mensagens de esperança e fé para nos motivar a fazer como os grandes conquistadores: desbravar o desconhecido e enfrentar as dificuldades, sejam elas quais forem. Eles não têm o passo firme do homem da terra. Eles têm o gingado de quem se equilibra nas ondas do mar.

Os homens, em geral, foram pescadores ou marinheiros em suas vidas passadas, gente do mar e da lida nas águas; em geral as mulheres eram aquelas que esperavam por seus maridos na beira do mar,

ou se prostituíam na zona portuária, ou, ainda, serviam em bares, juntando-se com malandros, ciganos e marujos. Seus amores eram passageiros e esporádicos; portanto, se pedir amor a um marinheiro, é isto o que conseguirá.

Afinal, era a vida sem certezas de quem mantinha o gingado do tombo no navio sob os pés e a música na cabeça: "é doce morrer no mar, nas águas verdes do mar…". Iemanjá e Oxum são as mães de todos eles, por isso eles vêm na linha das águas.

V – Baianos e entidades regionais

É necessário dizer que a manifestação destas entidades está muito mais ligada à ancestralidade do que a qualquer outro fator ou teoria dentro da Teologia umbandista. Nesse sentido, essas entidades atuam, acima de tudo, como guias orientadores dos seus próprios médiuns e daqueles que com eles se relacionam, e habitualmente, respondem nas linhas de Ogum, Oxóssi, Xangô e das águas.

Em termos de registro de pesquisa, já foram identificadas entidades que se apresentam como mineiros, gaúchos, ribeirinhos (típicos de regiões de mangues, como Recife e Olinda), entre outros. Os mais conhecidos dentre estes são os baianos, típicos em especial das regiões Sul e Sudeste do Brasil.

VI – Linha do Oriente

A chamada linha do Oriente é uma linha genérica que abarca entidades ancestrais diversas. Nessa linha encontram-se sete falanges que abarcam os mais diversos povos, tanto alguns que já foram extintos e cujas civilizações deixaram de existir, quanto outros que têm um forte vínculo com o mundo terreno até os dias de hoje, como hindus, árabes, japoneses, chineses, mongóis, egípcios, incas, romanos etc. Embora o espírito evolua e não fique preso a um determinado lugar, ele adquire trejeitos de caráter e cultura provenientes daqueles povos.

A manifestação dessas entidades, entretanto, dá-se por vínculo ancestral. Assim, dificilmente uma pessoa com familiares comprovadamente noruegueses, por exemplo, manifestará um espírito inca ou de um samurai japonês.

Em muitas casas, esta linha não é reconhecida, fazendo muitas dessas entidades acabarem por ser classificadas como caboclos ou pretos velhos. Por uma situação análoga, muitos incluem nesta linha ainda os povos ciganos. Ela acaba abrigando, na verdade, toda entidade que não encontra espaço próprio na formação tradicional mais antiga do Brasil, integrada por negros, índios e europeus – estas entidades entraram na história do Brasil mais recentemente, com os grandes processos migratórios do final do século XIX e início do século XX.

É difícil generalizar qualquer coisa que tenha vínculo com esta linha específica, pois cada ancestral trará a riqueza de sua própria cultura para a Umbanda, seus próprios oráculos, tradições, linguajar e maneira de vestir-se e portar-se. É uma linha plural e diversificada, com muitas nuances e influências, tal qual a formação do povo brasileiro.

Mas em geral, é uma linha na qual as entidades não trabalham com bebida alcoólica, todos os seus paramentos são baseados em metais nobres (ouro, prata e bronze) e no vidro, suas roupas são muito coloridas e muito diversificadas e mesmo a ritualística é muito diversa.

Como exemplo, podemos dizer que uma gira de linha de Oriente pode incluir instrumentos como a cítara indiana ou a harpa romana, a pedido das entidades, para ambientar e chamar aquelas energias ancestrais para o ambiente.

Justamente pelo vínculo ancestral que mantém com seus filhos, as entidades desta linha costumam ter grande poder de cura e de aconselhamento pessoal, reservando moral própria de cada povo.

A linha do Oriente é regida por Oxalá, embora as entidades possam atuar sob as mais diversas vibrações, de praticamente todos os orixás.

Existem algumas discordâncias sobre quem seria a entidade que, espiritualmente, regeria esta linha; embora as vertentes mais próximas do Catolicismo digam que ela é chefiada por João Batista, há também quem fale em reis babilônios e persas, governantes incas e rainhas como Cleópatra. A verdade é que esta linha expressa as influências que regem a necessidade de conhecimento que acompanha o homem desde os primórdios e guia-o na direção de sua evolução espiritual. Assim, podemos dividir esta linha em sete grandes falanges, que acabam por demonstrar a divisão dos poderes e das energias entre cada função desempenhada ou região do planeta.

I – *Falange das grandes índias*, que abarca as regiões da Índia, do Paquistão, da Mongólia, do Tibete e adjacências.

II – *Falange do extremo Oriente*, que abarca japoneses, chineses e coreanos.

III – *Falange sarracena ou árabe*, que abarca egípcios, marroquinos e povos do Oriente Médio.[2]

IV – *Falange das américas*, englobando os nativos americanos de antes do descobrimento e alguns povos com peculiaridades que os tornaram grandiosos, como os incas, os maias e os astecas.

V – *Falange nórdica*, que engloba os povos do norte europeu.

VI – *Falange das grandes sacerdotisas*, onde se manifestam as entidades femininas de poder mais elevado e com maior grau de evolução espiritual. Elas são as detentoras dos grandes segredos, senhoras da vida e da morte, independentemente de a qual povo pertenceram, alcançaram tamanho grau de evolução que são senhoras do próprio destino. Raramente elas se manifestam, daí o fato de que, nas umbandas mais patriarcais, elas nem sequer são conhecidas, ou simplesmente, são jogadas em outras linhas.

VII – *Falange dos alquimistas e grandes magos*, que engloba as entidades que, por meio do estudo e do conhecimento, alcançaram uma grande evolução espiritual e, por isso, auxiliam o plano físico por meio de seus profundos conhecimentos sobre o cosmos, o funcionamento do universo, a natureza humana e a magia mais elevada, independentemente de a que povo pertenciam.

Nas diferentes Umbandas

Como já disse em outros livros e neste mesmo, no prefácio, não existe apenas uma Umbanda, mas várias. A que mais trabalha com a concepção de sete linhas é a tradicional, pelos motivos já enumerados antes.

Mas, mesmo dentro da Umbanda Tradicional, a maneira de interpretar as sete linhas não é um padrão. Pelo contrário.

Uma breve pesquisa mostrou, brevemente, ao menos 10 interpretações diferentes das sete linhas, com preceitos e rituais diferenciados em casa caso, dentre quase 47 casas consultadas. As cinco mais referidas serão listadas a seguir.

Eis algumas dessas interpretações:

Variação I – dezoito ocorrências
I – linha de Oxalá – relacionada à paz e à tranquilidade.
II – linha de Iemanjá – relacionada à fertilidade e à procriação.
III – linha de Omulu – relacionada à saúde.
IV – linha de Ogum – relacionada à luta e à demanda.
V – linha de Oxóssi – relacionada ao trabalho e à prosperidade.
VI – linha de Xangô – relacionada à justiça.
VII – linha das Almas – relacionada à humildade e à bondade.

Variação II – onze ocorrências
I – linha de Oxalá ou linha de santo – relacionada à paz e à caridade.
II – linha de Iemanjá e das sereias – relacionada à fertilidade e à procriação.
III – linha do Oriente ou de São João Batista – relacionada à saúde.
IV – linha de Oxóssi – relacionada ao trabalho e à prosperidade.
V – linha de Xangô ou São Jerônimo – relacionada à justiça.
VI – linha de Ogum ou São Jorge – relacionada às batalhas e demandas.
VII – linha africana ou de São Cipriano – relacionada à espiritualidade.

Variação III – sete ocorrências
I – linha das almas – relacionada ao princípio da espiritualidade.
II – linha de Xangô – relacionada à justiça.
III – linha de Ogum – relacionada às demandas.
IV – linha de Iansã – relacionada à materialidade.
V – linha de Oxóssi – relacionada à prosperidade.
VI – linha de Iemanjá – relacionada à família e ao casamento.
VII – linha de Oxalá – relacionada ao divino e a Deus.

Variação IV – seis ocorrências
I – linha de Oxalá – luz divina.
II – linha de Ogum – fogo da salvação.
III – linha de Oxóssi – doutrina dos viventes na terra.
IV – linha de Xangô – lei cármica.
V – linha de Yori – potência em ação da luz reinante.

VI – linha de Yorimá – palavra da lei.
VII – linha de Iemanjá – divina mãe do universo.

Variação V – cinco ocorrências
I – linha de Oxalá – relacionada à paz e à tranquilidade.
II – linha de Iemanjá – relacionada à fertilidade e à procriação.
III – linha de Iansã – relacionada à saúde.
IV – linha de Ogum – relacionada à luta e à demanda.
V – linha de Oxóssi – relacionada ao trabalho e à prosperidade.
VI – linha de Xangô – relacionada à justiça.
VII – linha das Almas – relacionada à humildade e à bondade.

Observação: embora nenhuma destas seja a forma que adotamos para falar das sete linhas da Umbanda, elas são manifestações válidas e utilizadas largamente, aceitas por adeptos e entidades em suas manifestações ritualísticas. Portanto, embora não tratemos das sete linhas por meio desta padronização, reconhecemo-las como válidas e objeto futuro de estudo e aprofundamento.

---

[1] Estaremos mais atentos a estas entidades, explicando a gênese de seus nomes, por serem, em primeiro lugar, as raízes primeiras da Umbanda, e em segundo lugar, por serem predominantes nos cultos dessa natureza. As demais entidades têm sua devida importância, mas, histórica e numericamente, acabam mais diluídas no culto. Em igualdade numérica com caboclos e pretos velhos, as outras únicas entidades que, contudo, não fazem parte das sete linhas, são os exus e pombagiras. No caso das demais entidades que enumeraremos a seguir, para entender melhor, consulte os demais livros da autora, em especial a coleção *Tudo que você precisa saber sobre Umbanda*, volumes I, II e III, da Editora Universo dos Livros, ou consulte como comprar on-line, no site da autora: *www.casadejanaina.com*.

[2] Não há casos registrados nesta linha, contudo, de entidades que tenham se apresentando como israelitas, até porque os judeus possuem uma cultura bastante fechada e que, por si só, cultua e respeita seus ancestrais, mantendo-os sempre bem próximos de sua linhagem, das gerações futuras e de sua própria religião.

Capítulo 3

AS LINHAS DA UMBANDA

Linha de Oxalá

O Pai de todos, Senhor de tudo que o há.



Regências

Orixá	Oxalá ou Orixalá
Elemento natural	Ar
Cor	Branco
Planeta regente[1]	Sol
Plano de evolução[2]	Plano da criação
Elementais	Devas

Princípio da moral	Equilíbrio
Virtude para o homem	Esperança
Santos católicos	Jesus Cristo, Senhor do Bonfim, Jesus Menino, Santíssima Trindade
Moradas do orixá/Bons lugares para realizar rituais nessa linha	Templo (igreja ou espaço santo), praia deserta e colina descampada
Dia da semana	Domingo
Meses do ano	Dezembro e janeiro
Essências	Alóes, flor de laranjeira e lírio branco
Horários para rituais	No raiar do dia ou às 18h
Metal	Ouro
Pedras	Brilhante ou diamante, cristal bruto branco e quartzo leitoso branco
Flores	Brancas
Ervas para rituais	Boldo; marcela; colônia; gerânio; jasmim; levante; manjericão; parreira; pata-de-vaca; poejo; folha-da-costa
Números	1 (um), 10 (dez) e 16 (dezesseis)[3]



Figura 3.1.: *A coroa é um dos símbolos materiais sagrados do orixá.*

Símbolos e objetos

Representação simbólica e pontos gerais

A linha de Oxalá é representada simbolicamente por um círculo com um ponto dentro. Isso porque essa imagem remete ao princípio e ao fim: Oxalá e a energia de sua linha são o que está dentro do círculo e o que está fora também. Ou seja, estamos falando da plenitude da criação, do tudo e do nada, enfim, da existência.

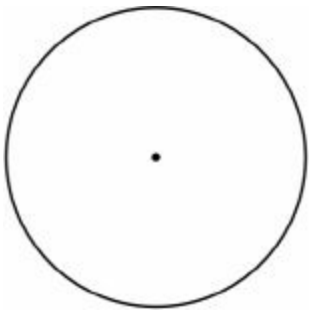


Figura 3.2.: *A linha de Oxalá é representada simbolicamente por um círculo com um ponto dentro.*

Em algumas vertentes da Umbanda, a linha de Oxalá pode ser representada pela cruz – que também tem vínculo com Yori e Yorimá – ou pelo coração – que também tem vínculo com a linha das águas. Não há problemas nessa representação, já que essas três linhas estão intrinsecamente ligadas e fazem parte do grau mais elevado da espiritualidade, regendo fatores bastante semelhantes entre si.

Para realizar trabalhos nesta linha, senão para uma entidade específica, é bom sempre traçar um ponto que evoque de maneira geral suas energias. Seguem dois pontos para estes fins: o primeiro é mais típico das sete linhas, possuindo uma variação semelhante em cada uma. Já o segundo é específico da linha de oxalá.

Ao traçar o ponto da linha de oxalá, deve-se usar somente pemba branca, e a vela nunca deve ser colocada dentro do ponto, mas fora dele. Podem ser usadas de uma a sete velas para manter o ponto, dependendo da necessidade.

Nunca se deve usar velas que não sejam brancas com um ponto de Oxalá, pois isso é um desrespeito ao Pai.

Em torno do ponto deve ser aceso o número de velas de acordo com a necessidade:

- *uma vela* – questões espirituais;

- *duas velas* – questões de família;
- *três velas* – questões de saúde;
- *quatro velas* – problemas em geral;
- *cinco velas* – problemas profissionais;
- *seis velas* – problemas com a Justiça;
- *sete velas* – ritos de iniciação e Amaci.



Figura 3.3.: *Ponto de Oxalá.*



Figura 3.4.: *Ponto de Oxalá.*

Símbolos materiais

Existem certos objetos que são parte do que podemos chamar de símbolos materiais da linha. Esses objetos são usados para representar o orixá em rituais, evocar sua energia, clamar por ele ou por sua misericórdia, entre outras coisas.

Para encantar estes objetos com a energia desta linha, basta conseguir 21 folhas de manjericão e um litro de água. Quinar com as mãos o manjericão na água até que ela esteja esverdeada e as folhas tenham se desfeito. Coloca-se o objeto mergulhado e deixa-se por uma noite, ao ar livre ou no *pegí*. Seca-se bem e guarda-se, envolto em pano branco.

No caso da linha de Oxalá, são eles:

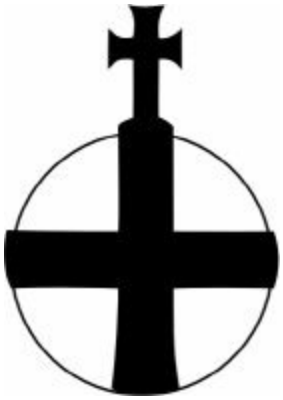


Figura 3.5.: *O mundo.*



Figura 3.6.: *O cetro.*

Objetos ritualísticos

Alguns objetos são próprios de certas linhas e têm um significado bastante importante nos rituais: o de representar ou chamar a presença de uma determinada energia. É o que chamamos de objetos ritualísticos. Eles são usados especificamente em rituais, enquanto os símbolos materiais podem ser usados em atendimentos, por exemplo, para representar a linha, enquanto se pede algo.

No caso da linha de Oxalá, são eles:



Figura 3.7.: *A sineta.*



Figura 3.8.: *O alá.*

Para encantar a sineta, deve-se proceder da mesma forma que com os símbolos materiais, com um banho de ervas, porém mais completo: conseguem-se 21 folhas de manjericão, três de colônia e três de tapete-de-oxalá, com dois litros de água. Quinar com as mãos as ervas na água até que ela esteja esverdeada e as folhas tenham se desfeito. Coloca-se o objeto mergulhado e deixa-se por uma noite, ao ar livre ou no *pegí*. Seca-se bem e guarda-se, envolto em pano branco.

No caso do Alá, para impregná-lo com a energia da linha, é necessário realizar uma defumação com sete ervas de Oxalá sobre e sob ele, e durante sete dias, as cinzas dessa defumação devem ser guardadas, pois possuem grande energia de cura e devem ser usadas em casos extremos.

Roupas ritualísticas

Quando estamos realizando qualquer tipo de ritual, um sinal de respeito é aderir a ele utilizando uma peça de roupa ou um acessório que nos integre àquela energia ou àquele momento. No caso da linha de Oxalá, essa roupa também é uma forma de mostrar respeito ao Pai Superior, cobrindo a cabeça:



Figura 3.9.: *O torço.*

Comemorações e ritos

Dia de ano-novo

1º de janeiro

O primeiro dia do ano é invariavelmente dedicado a Oxalá. Ele nos deu a vida, e cada novo ano que ele nos proporciona é um recomeço, isto é, um novo passo em direção à evolução espiritual e a uma vida melhor de convivência e integração com o mundo. Esse dia simboliza o início da vida, que ele, Oxalá, nos confere, portanto, em respeito a ele, os frequentadores da Umbanda vestem roupas completamente brancas, ou usam ao menos algo branco que lhes cubra a cabeça ou o peito, e o

coração.

Oxalá é o Pai de todos. Ele sabe que muitos dos filhos da Umbanda nem sempre podem, nesta data, realizar por completo um rito dedicado a ele, com outros umbandistas ou os membros da casa ou templo que frequenta: nem todos têm uma família que também segue a religião, ou podem levar a família para os ritos; e nem todo umbandista, especialmente nos dias de hoje, tem esse dia completamente livre. Então, no que se refere aos ritos para esta data, postamos aqui três opções: um rito para a comunidade de um templo; outro a ser realizado por uma comunidade ou família fora de um templo; e, por último, um rito individual.

Rito de ano-novo no templo

Neste caso, é desejável que todos os frequentadores e filhos da casa estejam vestindo roupas brancas, descalços (ou com chinelos ou calçados fáceis de tirar). Neste dia evita-se comer carne vermelha ou carne de porco. Aves são bem-vindas, mas o ideal é o peixe, que é carne branca.

Os frequentadores e filhos da casa devem levar:

- sete unidades de uma mesma fruta (no caso de uvas, somente a uva verde e sete cachos);
- sete flores brancas;
- sete pedras brancas (quartzo leitoso pequeno, ou cristal);
- sete moedas (todas do mesmo tipo, preferencialmente prateadas, e ainda em circulação);
- sete fitas brancas;
- sete velas brancas;
- sete pedacinhos redondos de tecido branco de dez centímetros de diâmetro;
- um pedaço de algodão branco, com medida de 1 m × 1,5 m;
- fósforos;
- um metro de fita de cetim branco, grossa, com cerca de 2 cm de largura;
- uma caneta que escreva em tecido;

Para a casa:

- canjica branca doce no leite de coco suficiente para servir a todos com fatura;
- folhagens e flores brancas para decorar;
- tecidos brancos para decorar;
- mesas para dispor o que foi trazido pelos filhos, dependendo da quantidade: uma grande para as frutas e duas ou mais, para os outros itens;
- copos ou taças para *champagne* ou sidra;
- um prato de ebô.

Para as oferendas a Oxalá:

- um pano branco, de aproximadamente 1,5 m × 2,0 m;
- uma tigela média branca (porcelana);
- dois pratos brancos (porcelana) grandes;
- uma tigela branca (porcelana) média;
- uma bacia de ágata branca (trinta centímetros);

- azeite de Oliva extravirgem[4];
- um coco fresco (verde) grande;
- uma vela de 21 dias, branca;
- algodão branco (do tipo que vem em rolo);
- dois quilos de canjica branca;
- leite de coco;
- uma garrafa de sidra sem álcool.

O ano-novo é uma festividade, portanto, deve ser tratado como tal, pois o fato de comemorarmos a vida que Oxalá nos deu é a melhor maneira de agradecermos a ele por isso. A maneira como a última refeição do dia 31 de dezembro será organizada fica totalmente por conta da casa: ela pode ser dividida entre os filhos, cada um trazendo um prato ou uma bebida, ou a casa pode ser inteiramente responsável, enfim, uma opção do templo.

O que importa é que, com as frutas trazidas pelos filhos e frequentadores, monta-se uma mesa farta e rica, enfeitada pelas flores trazidas e com jarras de suco. É recomendável colocar as frutas em bacias com gelo por baixo para conservá-las frias e frescas, pois no Brasil, essa data ocorre em pleno verão, e o calor faz tudo estragar muito rápido; como a comida é sagrada, especialmente para Oxalá, que vê muitos de seus filhos passando fome, deixar algo ficar ruim, podre ou desperdiçar acaba causando grande tristeza ao Pai. As flores devem ser usadas também para decorar a casa e as mesas.

Cada filho deve pegar o metro de algodão branco e estender no chão ou sobre uma mesa, onde for melhor. No centro, deve dispor as pedras, as moedas (enroladas ou costuradas nos pedacinhos de tecido branco de dez centímetros), as fitas brancas e as velas brancas. O pacote deve ser fechado em forma de envelope, amarrando com a fita de cetim grosso branco e colocando o nome de cada um em uma das beiradas da fita.

Esse "envelope" deve ser colocado em mesas em volta da mesa das frutas devidamente nomeado na fita de cetim. À frente da mesa, no chão, sobre o pano branco, dispõem-se as oferendas a Oxalá:

- *um prato de canjica e uma tigela com a água branca restante*: este deve ser preparado cozinhando-se a canjica com um copo de leite de coco e quatro copos de água. Quando a canjica estiver bem cozida, ela deve ser escorrida e colocada no prato para esfriar. Pode-se enfeitar com flores – margaridas brancas ou crisântemos são bastante apreciados para isso. A água do cozimento da canjica não deve ser jogada fora. Ela vai ser jogada na cabeça do filho e, até este momento, deve ficar numa tigela branca pequena;
- *uma bacia com o coco verde*: abra o topo do coco. Coloque-o no centro da bacia (se quiser, para ajudar a apoiá-lo, você pode cozinhar mais canjica e colocar dentro da bacia). Feito isto, cubra tudo com algodão – abra sobre tudo, como um tapete.

Coloca-se a vela de 21 dias no meio, do lado esquerdo a canjica e a água e do lado direito o coco. O resto do pano fica para as oferendas de cada filho, flores etc.

A comemoração segue normalmente até o romper do ano. Pouco antes da meia-noite, acende-se a vela de 21 dias e abre-se a garrafa de cidra – desta cidra sem álcool, serve-se uma taça em frente à canjica, e com o resto, molha-se os pacotes nos quais estão as oferendas de cada filho.

Segue-se a *Prece de Cáritas*:

Deus, nosso Pai, que sois todo poder e bondade,
dai a força àqueles que passam pela provação da vida,
dai a luz àquele que procura a verdade
e ponde no coração do homem a compaixão e a caridade.

Deus! Dai ao viajante a estrela guia,
ao aflito a consolação, ao doente o repouso.

Pai! Dai ao culpado o arrependimento,
ao Espírito a verdade, à criança o guia e ao órfão o pai.

Senhor! Que a vossa bondade se estenda sobre tudo o que criastes.
Piedade Senhor, para aqueles que não Vos conhecem,
esperança para aqueles que sofrem.
Que Vossa bondade permita aos Espíritos consoladores
derramarem por toda a parte a paz, a esperança, a fé e a
bondade.

Deus! Um raio, uma centelha de Vosso divino amor pode
abrasar a Terra; deixai-nos beber nas fontes dessa bondade
fecunda e infinita, e todas as lágrimas secarão, todas as dores
se acalmarão.
Um só coração, um só pensamento subirá até Vós,
como um grito de reconhecimento e de louvor.
Como Moisés sobre a montanha, nós Vos esperamos de braços
abertos, oh poder! Oh beleza! Oh bondade! Oh perfeição!
E queremos de alguma sorte merecer a Vossa divina misericórdia.

Deus! Dai-nos a força de ajudar o progresso a fim de subirmos
até Vós, dai-nos a caridade pura, Pai, dai-nos a fé e a razão,
dai-nos a simplicidade e a humildade, Senhor, que fará das
nossas almas um espelho onde há de se refletir a Vossa divina
imagem.

Que assim seja!

Após a Prece de Cáritas, em geral, o dirigente da casa diz algumas palavras sobre o ano que se inicia, desejando sorte, paz, prosperidade e a proteção das sete linhas, ao que se segue o pai-nosso, com todos os filhos de mãos dadas.

Por fim, após tudo isso, segue-se o brinde de ano-novo, entre os filhos, com a *champagne* normal (alcoólica), à meia-noite. Em seguida, os filhos podem se servir das frutas da mesa. A comemoração segue normalmente.

As frutas que sobrarem não devem ser levadas para casa, mas distribuídas aos pobres, no dia

seguinte.

Quanto ao conteúdo dos pacotes ungido com a cidra de Oxalá, ele deve ser usado da seguinte maneira:

1. Até que seja tudo completamente usado, durante o ano, os objetos devem permanecer dentro do pano branco, fechados com a fita de cetim. Este pano não deve ser jogado fora ou despachado. Deve sempre ser usado para o mesmo fim, ou seja, bênçãos no ano-novo. Levar sete pedras brancas (quartzo leitoso pequeno, ou cristal).
2. As sete moedas e as sete pedras brancas devem ser usadas para fazer pequenos patuás, costurados com os pedacinhos de tecido branco. Uma deve ficar obrigatoriamente com o filho. As outras seis devem ser distribuídas entre pessoas da família ou desconhecidos que estejam precisando de força e equilíbrio, dadas sem arrependimento e sem olhar para trás.
3. As sete fitas brancas e as sete velas brancas só devem ser usadas pelo próprio filho, em momentos de grande necessidade. Só ele deve acendê-las, mesmo que para pedir por outras pessoas. E as fitas brancas devem ser pareadas com as velas e amarradas na borda de um copo d'água que deve ser colocado ao lado da vela acesa (preferencialmente, use sempre o mesmo copo para o mesmo fim). Enquanto a vela queimar, a ága não deverá ser bebida. Quando a vela apagar, se ela foi acesa em nome do próprio filho, ele deve ou aspergir a água pelo ambiente para purificá-lo ou beber, em caso de problema de saúde grave; caso tenha sido acesa em nome de outra pessoa, essa pessoa deverá beber, ou deve ser deixado, até que evapore, ao ar livre, em nome dela.

Rito de ano-novo fora do templo

O rito realizado fora do Templo pode ser feito da mesma maneira, mas como, em geral, é feito junto da natureza (em sítios, cachoeiras ou a beira-mar), não se deve esquecer em hipótese alguma o Orixá que rege o lugar onde está sendo feito o rito.

Assim, não se deve esquecer-se de preparar um saboroso prato de arroz branco cozido na água, com um peixe frito, para colocar junto das comidas de Oxalá, e de oferecer um balaio ou um barco[5] cheio de presentes à mãe d'água, com flores brancas e fitas azuis e pentes para seus cabelos, bonecas para ela ninar e todo tipo de agrado de que nós também gostamos.

Se for à beira da cachoeira, o mesmo vale para Oxum, porém seu prato favorito é o omolucum. Seu balaio deve ser enfeitado com muito tecido dourado, e ela gosta muito de receber joias douradas e agrados, longos pentes para pentear seu cabelo e enfeitar-se. Perfumes também são bem-vindos.

Quando em sítios, na mata, ao lado das comidas de Oxalá, não se esqueça de colocar ao menos cinco espigas de milho cozidas regadas com mel para Oxóssi, afinal, ele abre as matas e os caminhos da prosperidade. Os melhores agrados que se podem dar a Oxóssi, a exemplo dos balaios de Iemanjá e Oxum, são um arco e flecha e um chicote, pendurados num tronco de árvore e lá deixados para ele.

Rito de ano-novo individual

Quando a pessoa não tem a opção de comemorar o ano-novo com outros irmãos da religião, o mais acertado é fazer as comidas para Oxalá e oferecer-lhe por conta própria.

O ritual que é feito no templo também pode ser feito por uma pessoa só, pois o ingrediente máximo é a fé e o amor no coração.

Para quem não pode oferecer sequer a comida – como pessoas que trabalham no ano-novo –, assim que possível, acenda uma vela e dedique a ele. Uma frase, uma lembrança, já é o suficiente, pois o que importa é o carinho e a dedicação que temos em nosso coração.

Dia do Senhor do Bonfim

Primeira quinta-feira após o Dia de Reis

No *Dia do Senhor do Bonfim*, um dos ritos mais comuns é assistir a uma missa na Igreja do Senhor do Bonfim ou dedicada ao Sagrado Coração ou a Nosso Senhor dos Passos, vestindo somente roupas brancas, levando uma vela e uma garrafinha de água.

Terminada a missa, um gole da água deve ser tomado por dia, durante três dias – caso a água não termine, dê o restante para alguém que precisa. A vela deve ser acesa durante a benção final da missa e deixada no velário.

Sexta-feira Santa e Páscoa

Data variável – veja calendário específico do ano

A *Sexta-feira Santa*, juntamente com a *Páscoa*, são feriados que foram incorporado ao calendário da Umbanda com maior força, dado o sincretismo com Jesus Cristo.

Assim, os umbandistas costumam, neste dia, honrar os sacrifícios do Pai Oxalá por meio de jejum, silêncio e oferendas.

É comum, na quinta-feira à noite, fazer uma grande vigília ou uma gira de caboclos e outras entidades que respondam na linha de Oxalá; nas casas em que isso ocorre, nenhuma entidade em desenvolvimento vem em terra. Quando o relógio bate meia-noite, todas as entidades se retiram em silêncio, e cada médium acende uma vela branca, de três dias, aos pés de Oxalá no *pegí*. Nesta noite, todos devem dormir em esteiras, ou no chão, relembrando todos os sacrifícios de nosso Pai, e não deve ser pronunciada nenhuma palavra até a manhã seguinte – o silêncio deve ser absoluto.

Na manhã seguinte, os filhos são acordados com o raiar do sol, pelos atabaques, em um toque bem suave, entoando cantos a Oxalá de maneira bem leve.

Os filhos devem tomar banho de folhas quinadas em água fria, preferencialmente boldo (tapete-de-oxalá) ou manjericão.

O dia deve ser passado em silêncio e jejum.

Neste dia, não se incorporam entidades. Só com o cair da noite, os atabaques voltam a tocar, bem suaves e bem baixinhos. As entidades da linha de Oxalá podem vir em terra, fazer atendimentos e dar passes.

Um dos rituais mais emocionantes é relembrar a última ceia de Jesus. Para isso, são necessários:

- uma taça grande, na qual se possa beber (esse tipo de taça é vendido em lojas religiosas de artigos católicos);
- um pão italiano grande (ou quantos forem necessários para que todas as pessoas presentes possam receber um pedaço);
- vinho de garrafão (evite comprar dos que vêm em embalagem de plástico e dos vinhos suaves, que são adocicados; o melhor é comprar vinho seco, pois o amargor faz parte do processo).

Esse ritual pode ser realizado pelo dirigente da casa ou pela entidade dirigente, se ela vier na linha de Oxalá. Serve-se o vinho na taça e repete-se o ritual, ajoelhado.

Ao final, serve-se uma refeição que não pode incluir bebida alcoólica alguma nem qualquer tipo de carne que não seja peixe. Também podem ser servidas frutas.

O Sábado de Aleluia pode ser dedicado à linha de Oxóssi, de Ogum ou de Xangô, dependendo da Casa. Em alguns casos, ele é dedicado à linha das águas, para relembrar a dor das mães pelo sofrimento dos filhos.

O *Domingo de Páscoa* é outra data de Oxalá. Na virada do sábado para o domingo, os filhos já podem dormir normalmente em suas camas e casas. Mas o principal é que a primeira refeição do dia seja feita no templo: um café da manhã farto, com muitas frutas, sucos e pão. As crianças devem ser presenteadas com ovos, explicando seu significado de renovação, renascimento e fartura, principalmente.

Mas a parte mais importante vem na hora do almoço. Uma boa comida para esse dia é a carne de cordeiro, que deve ser servida a todos. O cordeiro é um dos animais de Oxalá, mas um dos poucos do qual é permitido aos homens provar a carne.

Nessa refeição, não se deve servir bebida alcoólica e, antes de todos sentarem e comerem, deve ser realizada a Oração de Páscoa, seguida de um Pai-Nosso, com todos orando de mãos dadas.

Oração de Páscoa

Oxalá, Pai Vivo, da morte Vencedor,
por tua vida e teu amor,
mostraste a nós a face do Amor.
Por tua Páscoa o céu a terra uniste
e o encontro com DEUS a todos nós permitiste.
Por ti, Ressuscitado,
os filhos da luz nascem para a vida eterna
e abrem-se para os que creem
as portas do reino dos céus.
De ti recebemos a vida
que possuis em plenitude,
pois nossa morte foi redimida
pela tua e em tua ressurreição
nossa vida ressurge e se ilumina.
Volta a nós, ó nosso Pai,
teu semblante redivivo
e permita que, sob teu constante olhar,
sejamos renovados por atitudes de ressurreição
e alcancemos graça, paz, saúde e felicidade
para contigo nos revestir de amor e imortalidade.
A ti, inefável doçura e nossa eterna vida,
o poder e a glória por todos os séculos.

Natal

Vinte e cinco de dezembro

O *Natal* é uma comemoração que, embora seja feita em honra de Oxalá e tenha profundo caráter religioso, deve ser mantida em família. Oxalá é Pai, e justamente por isso, deseja manter a família unida.

Para relembrar Oxalá neste dia, um bom jeito é fazer e deixar em um móvel da casa um prato de canjica (ebô), um copo de água de coco e uma vela acesa.

Outra boa maneira de reverenciar e lembrar o Pai é, antes de iniciar a refeição, fazer uma oração. Muitos membros da Umbanda optam pela Prece de Cáritas e pelo Pai-Nosso. Existem outras orações tão bonitas quanto estas que também podem ser rezadas; a escolha fica a cargo de cada um.

Linha das águas

Iemanjá é a Mãe de todos. Oxum nos mantém e dá vida.



Regências

Orixás	Iemanjá e Oxum
Elemento natural	Água (rios e mares)
Cor	Azul-claro e amarelo-ouro
Regente[6]	Lua
Plano de evolução[7]	Plano do espírito
Elementais	Sereias e ondinas
Princípio da moral	Inteligência e discernimento
Virtude para o homem	Amor
Santos católicos	Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora da Glória e Nossa Senhora da Cabeça
Moradas do orixá/Bons lugares	Oceanos, praias, encontros dos rios com os mares, beira de rio,

para realizar rituais nessa linha	cachoeira
Dia da semana	Sábado
Meses do ano	Fevereiro e março
Essências	Jasmim e nardo
Horários para rituais	Das 4h às 6h – saúde, energia e calma Das 16h às 18h – inspiração pessoal
Metais	Prata e ouro
Pedras	Água-marinha, lápis-lazúli (azul e amarela)
Flores	Rosas brancas, palmas, angélicas, orquídeas, crisântemos brancos
Ervas para rituais	Alga marinha, boldo, camomila, colônia, gerânio, jasmim, lágrimas-de-nossa-senhora, levante, malva-rosa, manjericão, parreira, pata-de-vaca, poejo, saião, trevo, violeta
Números	2 (dois), 14 (quatorze) e 20 (vinte)

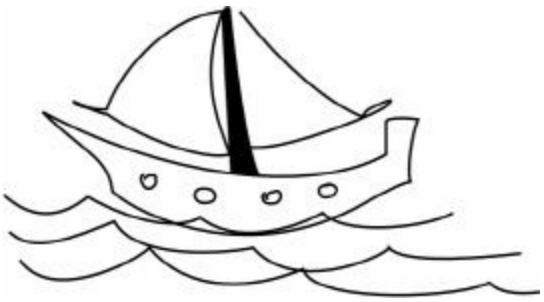


Figura 3.10.: *O barco navega nas águas de Oxum e de Iemanjá.*

Símbolos e objetos

Representação simbólica e pontos gerais

A linha das águas é representada de maneira geral pelas ondas dos rios e dos mares. Esse símbolo não deve ser colocado dentro de um círculo, pois ele não é um ponto. Um ponto é sempre traçado dentro de um círculo porque é uma referência ao mundo criado por Oxalá. A representação de uma linha, contudo, é algo que transcende o princípio e o fim, pois é uma energia, uma emanação que vai além do humano.

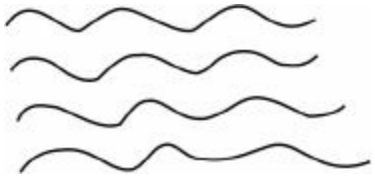


Figura 3.11.: *A linha das águas é representada pelas ondas dos rios e dos mares.*

Para realizar trabalhos nesta linha, senão para uma entidade específica, é bom sempre traçar um ponto que evoque de maneira geral suas energias. Seguem dois pontos para estes fins: o primeiro é mais típico das sete linhas, possuindo uma variação semelhante em cada uma. Já o segundo: é específico da linha das águas.

Ao traçar o ponto da linha das águas deve-se usar pemba branca ou azul, no máximo. Quando para pedir por fertilidade ou pelo relacionamento de duas pessoas casadas, ou por quaisquer assuntos de família, uma vela deve ser colocada no centro do ponto. Qualquer outro assunto, especialmente os mais mundanos, deve ser evocado com velas fora do ponto. Podem ser usadas de uma a cinco velas para manter o ponto, dependendo da necessidade. Podem-se usar velas brancas, azuis-claras e amarelas para a linha das águas. Em torno do ponto, deve ser aceso o número de velas de acordo com a necessidade:

- *uma vela* – questões de família;
- *duas velas* – questões de amor (sempre do lado de fora do ponto);
- *três velas* – questões de saúde e fertilidade;
- *quatro velas* – problemas emocionais;
- *cinco velas* – ritos de iniciação e Amaci.



Figura 3.12.: *Ponto das águas.*



Figura 3.13.: *Ponto das águas.*

Símbolos materiais

Existem certos objetos que são parte do que podemos chamar de símbolos materiais da linha. Esses objetos são usados para representar o orixá em rituais, evocar sua energia, clamar por ele ou por sua misericórdia, entre outras coisas.

Para encantar esses objetos com a energia desta linha, basta conseguir 21 folhas de saião e um litro de água. Quinar com as mãos o saião na água até que ela esteja esverdeada e as folhas tenham se desfeito. Coloca-se o objeto mergulhado e deixa-se por uma noite, ao ar livre ou no *pegí*. Seca-se bem e guarda-se, envolto em pano azul-claro.

No caso da linha das águas, são eles:



Figura 3.14: *O abebê.*



Figura 3.15.: *A concha.*

Objetos ritualísticos

Alguns objetos são próprios de certas linhas e têm um significado bastante importante nos rituais: o de representar ou chamar a presença de uma determinada energia. São o que chamamos de objetos

ritualísticos. Eles são usados especificamente em rituais, enquanto os símbolos materiais podem ser usados em atendimentos, por exemplo, para representar a linha, enquanto se pede algo.

No caso da linha das águas, é:



Figura 3.16.: *A quartinha com abas, cheia de água.*

Para encantar a quartinha, deve-se proceder da mesma forma que com os símbolos materiais, com um banho de ervas, porém mais completo: conseguem-se 21 folhas de saião, quatro flores de jasmim e três de levante, com dois litros de água. Quinar com as mãos as ervas na água até que ela esteja esverdeada e as folhas tenham se desfeito. Coloca-se o objeto mergulhado e deixa-se por uma noite, ao ar livre ou no *pegí*. Seca-se bem e guarda-se, envolto em pano azul-claro com fita de cetim dourada.

Roupas ritualísticas

Quando realizamos qualquer tipo de ritual, um sinal de respeito é aderir a ele utilizando uma peça de roupa ou um acessório que nos integre àquela energia ou àquele momento. No caso da linha das águas, esta roupa também é uma forma de mostrar respeito a Oxum e Iemanjá, cobrindo os seios e o abdome, e só deve ser usada por mulheres:



Figura 3.17.: *O pano das costas.*

Comemorações e ritos

O último dia do ano

Trinta e um de dezembro

O *último dia do ano* é invariavelmente dedicado a Iemanjá e à linha das águas. Justamente por isso é que a comemoração se confunde com aquela que é feita em honra de Oxalá, já que o primeiro dia do ano e Dia da Paz Mundial é dele. Assim, muitos terreiros se organizam para promover uma festa a Iemanjá, à beira-mar, na virada do ano, já aproveitando o ensejo para esperar o dia 1º e comemorar o dia de Oxalá.

Neste caso, o rito costuma ficar a cargo de cada casa, lembrando sempre que as bebidas alcoólicas devem ser consumidas com moderação, e não se deve comer carne vermelha ou de porco nesta data.

Dia de Nossa Senhora dos Navegantes

Dois de fevereiro

Esta é a data em que se faz a Festa de Iemanjá, dentro da linha das águas. Quando possível, esta festa deve ser feita à beira-mar.

Muitas Casas optam por ratear entre os filhos o aluguel de um barco para seguir uma das tradicionais procissões de Nossa Senhora dos Navegantes que acontecem em quase todo o litoral brasileiro.

Outras optam por ir até a praia, realizar uma refeição à beira-mar (não se esquecendo de nunca deixar restos de coisa alguma na areia, nem que seja um papelzinho, pois não adianta nada fazer uma oferenda e sujar a casa da nossa Mãe) e entregar um barco pequeno ou um cesto com oferendas como *champagne*, comidas de Iemanjá, perfumes, pentes e espelhos, entre outras coisas. Nessas datas, canta-se muito para Iemanjá, toca-se atabaque e serve-se muito peixe e camarão entre os presentes.

É a festa da Mãe d'Água e também é uma ótima época para batismos e para quem for se iniciar ou confirmar na Linha receber seu ritual.

Dia de Nossa Senhora da Conceição

Oito de dezembro

Esta é a data em que se faz a Festa de Oxum, dentro da linha das águas. Esta festa deve ser feita à beira da cachoeira, preferencialmente, honrando o lugar onde vive Oxum e seu *habitat* natural. A organização da festa fica a cargo de cada Casa, e habitualmente, é uma época ótima para batismos e para quem for se iniciar ou confirmar na linha receber seu ritual.

Linha dos ancestrais

Yori (as crianças) e Yorimá (os ancestrais)
representam o princípio e o fim que determinou Oxalá.



Yori e Yorimá

Esta é uma das linhas mais controversas de que já se ouviu falar. Quem não pulou as folhinhas do livro e veio direto para "o que interessa" viu que essa Linha tem pelo menos dez representações diferentes, somente dentro da Umbanda Tradicional – aliás, podemos generalizar isso para linhas como a das crianças, do Oriente, dos ciganos, das almas, entre outros nomes.

Por isso é que, nesta linha, antes de começar a falar propriamente dela e de suas características, faremos uma breve introdução explicando como trabalhar com Yori e Yorimá, as duas faces do que intitulamos de linha dos ancestrais. Assim, vamos falar sobre o que as pessoas entendem nos dias de hoje. Uma concepção bastante difundida é ilustrada pelo trecho a seguir, retirado da Internet, que já citei em outras de minhas obras:

É uma linha que quase a maioria absoluta, dá vários nomes, como sejam: Linha dos pretos velhos, dos africanos, de S.Cipriano e até das almas…Tem o seu mistério e significado real, na palavra Yorimá, que traduz: potência da palavra da lei, ordem iluminada da lei, ou ainda, palavra reinante da lei.

YO – Potência ou princípio, Ordem
RI – Iluminado, Reinante
MÁ – LEI

Esta linha, como os próprios valores expressam, é composta dos primeiros espíritos que foram ordenados a combater o mal em todas as suas manifestações. São os orixás, velhos, verdadeiros magos, que velando suas formas cármicas, revestem-se das roupagens de pretos velhos, distribuindo e ensinando as verdadeiras "milongas", sem deturpações…

São os senhores da magia e da experiência adquirida através de seculares encarnações.

Eles são a doutrina, a filosofia, Mestrado da Magia, em fundamentos e ensinamentos, e representam os primeiros que adquiriram a forma na humanidade e no sacrificial.

O planeta correspondente a Yorimá, é Saturno; a cor é violeta; a nota musical é lá; a vogal é o u; o dia é sábado; o mediador é Yramael, que se traduz como: potência ou movimento real da lei de Deus.

Y – Potência ou Movimento
RA – Ser Rei, Reinar
MA – Lei
EL – Deus

(Anônimo, retirado da Internet)

Infelizmente, é assim que encontramos a maioria das informações sobre Yori e Yorimá: suposições, revelações bastante duvidosas e especulações, usualmente sem fonte a comprovar. Sobre uma suposição, constrói-se outra, e mais outra, e mais outra, e logo surgem tantas nuances e modificações que é difícil encontrar a origem do termo ou do culto e até mesmo entender qual a função dele, porque, sem pesquisar, sem se dar ao trabalho de ouvir as entidades e os guias e, prepotentemente, sem entender como tudo isso funciona, as pessoas simplesmente falam que trabalham com as linhas de Yori e Yorimá e modificam as concepções das sete linhas ao seu bel-prazer.

Para muitos, o que acabou de ser dito pode soar como "heresia", "blasfêmia" ou até mesmo desrespeito. Entretanto, como já falei no prefácio deste livro, optei por um caminho no qual a razão confirma a fé e lhe dá suporte e credibilidade – e mais do que isso, um caminho em que o espiritual sempre se corrobora pelo físico e se comprova pela razão e pelos guias e entidades mais evoluídos. Se em todas as outras linhas da Umbanda, nós temos comprovações carnais e físicas para o que nos é apresentado e estudos que corroboram histórica e culturalmente suas origens e formas de cultos, além de serem embasadas pelo plano espiritual, por que não nesta? Por que, neste caso, tudo tem de ser um tanto obscuro?

Fortuitamente, quando falamos em Yori e Yorimá, até pelo surgimento mais recente do termo, ainda é possível identificar sua origem linguística, e a partir disso, obter algumas confirmações históricas e culturais.

Na citação que fizemos, atribui-se "YO – Potência ou princípio, Ordem / RI – Iluminado, Reinante / MÁ – LEI". Não há, contudo, qualquer tipo de citação sobre de que língua isso foi retirado (para fazer esta afirmação, apuramos mais de 150 entradas em sites de internet e ao menos 25 livros, artigos e citações impressas). Alguns se aventuram a dizer que isso vem de uma "língua sagrada do plano espiritual, falada pelos espíritos mais evoluídos". Este conceito é discutível, e mais do que isso, duvidoso, já que a partir disso deduzimos que os deuses "escolhem" alguns "abençoados" que entenderam essa língua, deixando os demais na mais pura ignorância. Um tanto injusto, ainda mais dentro de uma religião que prega a igualdade.

Por isso é que, há alguns meses, enquanto linguista, formada pela Universidade de São Paulo, iniciei uma pesquisa para entender a origem dessa linha, o real significado de Yori e Yorimá, segundo a linguística histórica, e a origem do culto.

As palavras Yori e Yorimá provavelmente tenham sua origem no iorubá ou em um de seus dialetos ou línguas irmãs (anagô, ewé, fon ou diulá), numa divindade relacionada com a criação do mundo e dos homens, mas que, especialmente, representa o espírito, a inteligência e tudo quanto é

característica humana cabível à cabeça ou coroa de cada um: Ori.

Ori é a divindade que representa a coroa de cada ser humano e, por consequência, sua individualidade. É o sopro de divindade que nos torna únicos. O Ori não é um orixá que provoque transe, ele é o próprio espírito ancestral, ele é a força dos que vieram antes de nós.

Mas como a palavra virou Yori, ou mesmo Yorimá?

No que concerne a línguas, existe uma conceito chamado variação linguística. Com o tempo, as inúmeras variáveis geradas pela variação ocasionam a mudança linguística: é assim que surgem as novas palavras. É bem provável que este tenha sido o caso, já que, no iorubá, "yo" é uma variação de "o" na qual não incorre mudança de significado, portanto "yori" e "ori" seriam a mesma coisa, com algumas diferenças no culto e nas manifestações entre Umbanda e Candomblé.

Já a palavra "Yorimá" seria o mesmo que "Orimá" – esta palavra, por sua vez, provavelmente seja a junção de duas palavras com significados distintos: Ori + Oman = Orioman, com a mudança Oriman e mais tarde Orimá (já que o português tem uma tendência a acentuar a última sílaba das palavras com três partes silábicas). Mas qual o significado de Oman? Oman, no iorubá, é um prefixo usualmente anexado às palavras e parece ter significado muito semelhante a outro prefixo, Omó, que significa pureza, mas também tem relações com criança e juventude (sendo usado para designar seres jovens ou de pouca idade).

Um exemplo disso é um canto do culto iorubano tradicional, em honra ao orixá que habita o Ori:

Orisá ori, Sá ôun asé.
Orisá ori, obé ioman.
Orisá ori, Sá ôun asé, babá.
Orisá ori, obé ioman.

Cuja tradução literal seria:

A divindade que habita em mim é aquela que me fortalece.
A divindade que habita em mim me faz puro.
[como um recém- nascido].[8]
A divindade que habita em mim e me dá força é meu pai.
A divindade que habita em mim me faz puro.
[como um recém-nascido].

Assim, podemos dizer que Yorimá seria uma palavra usada para se referir à força ancestral mais pura que habita em nós.

Nessa perspectiva, teríamos Yori associado à linha que conhecemos como das almas e iorimá associado à linha das crianças.

Contudo, existem ainda outras hipóteses. Uma delas, que a meu ver é a mais plausível, é que a pura manifestação do Ori, irradiada pelo orixá que é responsável pela cabeça, é o que nas culturas iorubanas é chamado de Axerê, ou como muitos na Umbanda conhecem, Erê ou Vungi, dependendo da influência – ou seja, as crianças. Eles são nossos primeiros ancestrais. Portanto, a face de Yori estaria associada às crianças na linha dos ancestrais. Isso porque o tempo é um conceito bastante relativo dentro do universo mítico iorubano. O ancestral não é apenas aquele que viveu antes de nós e já morreu. Como estamos falando de uma cultura reencarnacionista, o ancestral também é aquele

que voltou a terra, isto é, a criança.

Já para justificar o termo Yorimá, podemos nos apoiar no sufixo *–má*, que quer dizer "velho", como no canto que segue:

Oromimá
Oromimaió, Oromimaió
Iabadô aieie ô
Oromimá
Oromimaió, Oromimaió
Iabadô aieie ô

Cuja tradução literal seria:

Aquele que é o mais velho
o mais velho de todos os pais, o mais velho de todos
saúda sua filha com ouro
Aquele que é o mais velho
o mais velho de todos os pais, o mais velho de todos
saúda sua filha com ouro

Este canto representa Oxalá dando o ouro a Oxum, como seu elemento natural, daí ela ter se tornado a senhora do ouro. O que nos interessa, contudo é o sentido de *–má*, "velho", que gera, portanto, na palavra Yorimá, o sentido de "o ancestral velho". Portanto, neste caso, a associação desta linha se daria com os pretos velhos e as almas, como a outra face da linha dos ancestrais, aquela que se contrapõe à juventude.

Enquanto Yori é a vitalidade e a disposição de viver a vida, Yorimá é a sabedoria que vem com os anos e a experiência que a vida dá.

Curiosamente, essas duas expressões sempre foram muito usadas por entidades como pretos velhos – não é à toa que esta linha também é conhecida como linha das almas. Outras entidades que se apresentam nesse sentido são as crianças, símbolo da pureza e da eterna jovialidade do espírito. Muitas das entidades que hoje se apresentam como pretos velhos na Umbanda são grandes antigos sacerdotes dos cultos africanos, daí estarem familiarizados com elas e com seu culto. Daí, também, serem a representação mais precisa daqueles que respondem pelos orixás ancestrais.

Por que duas faces, e não duas linhas?

Uma das grandes perguntas que, mesmo com as explicações dadas a respeito de como surgiram estes nomes, remete à apresentação de Yori e Yorimá: afinal, por que tratar disso como duas faces de uma mesma linha, e não como duas linhas separadas?

A resposta é simples: logicamente, uma linha deve conter elementos afins, energias similares que, mesmo seguindo na mesma direção, possuem a mesma origem. Daí haver uma linha das águas, e não uma linha de Oxum e uma de Iemanjá – embora, em algumas casas, haja essa separação.

As energias de Yori e Yorimá são bastante afins: ambos são poderes ancestrais, presentes no cotidiano porque, de alguma forma, são responsáveis pelo que somos e de onde viemos. A única

diferença é que Yori simboliza a face da juventude, do princípio e da novidade, enquanto Yorimá simboliza a sabedoria, a experiência e a prudência.

Como um homem que nasce, cresce, vive uma vida de plenitude e envelhece para morrer e recomeçar este ciclo da vida, da morte e a Dança dos Ancestrais.



Figura 3.18.: *A folha da palma, símbolo de tudo o que nasce, cresce e morre.*

Regências

Orixá	Yori – Ibeji Yorimá – Omolu e Nanã Buruku
Elemento natural	Terra
Cor	Yori – todas as cores Yorimá – preto e branco ou roxo e branco (quando a vibração predominante for a de Nanã Buruku)
Planeta regente[9]	Yori – Mercúrio Yorimá - Plutão
Plano de evolução[10]	Plano da alma [11]
Elementais	Anjos e arcanjos
Princípio da moral	Verdade, em atos, pensamentos e palavras
Virtude para o homem	Fé
	Yori – São Cosme e São Damião[12]

Santos católicos	Yorimá – São Lázaro e Sant'Anna
Moradas do orixá/Bons lugares para realizar rituais nessa linha	Yori – Onde quer que haja crianças: parques, brinquedos, campinas, jardins Yorimá – Calunga pequena, hospitais, lagoas, casas muito velhas
Dia da semana	Segunda-feira
Meses do ano	Julho e agosto
Essências	Yori – Margaridas Yorimá – Limáo, narciso e sândalo
Horários para rituais	Das 2h às 4h – solução de problemas de saúde Das 19h às 21h – cirurgias em geral
Metais	Yori – cobre Yorimá – níquel e chumbo
Pedras	Yori – Pedrinhas de rio Yorimá – Ametista e feldspato
Flores	Yori – Flores do campo Yorimá – Gerânio branco, cravo e goivo amarelo, acompanhados de cedrinho verde
Ervas para rituais	Aroeira, assa-peixe, babosa, camomila, canela de velho, carnaúba, erva-de-passarinho, hera, jamelão, jurubeba, levante ou alevante, mamona branca, manjericão roxo
Números	3 (três), 13 (treze) e 17 (dezessete)

Símbolos e objetos

Representação simbólica e pontos gerais

A linha dos ancestrais é representada simbolicamente por uma cabeça que do lado esquerdo tem uma cruz e do lado direito tem uma estrela, respectivamente símbolos de morte e nascimento. Às vezes, pode ser representada por um corpo inteiro acompanhado destes mesmos símbolos. Isso porque essa linha tem, como já foi dito anteriormente, duas faces da ancestralidade: a juventude e a velhice. Como já foi dito no capítulo anterior, a representação de uma linha, contudo, é algo que transcende o princípio e o fim, pois é uma energia, uma emanação que vai além do humano.

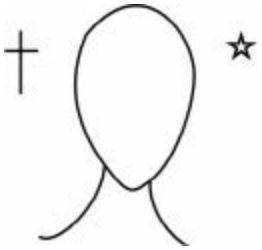


Figura 3.19.: *A linha dos ancestrais é representada simbolicamente por uma cabeça que do lado esquerdo tem uma cruz e do lado direito tem uma estrela, respectivamente símbolos de morte e nascimento.*

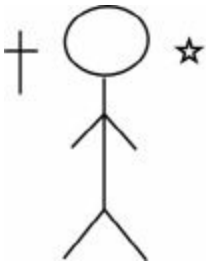


Figura 3.20.: *Linha dos ancestrais.*

Para realizar trabalhos nesta linha, senão para uma entidade específica, é bom sempre traçar um ponto que evoque de maneira geral suas energias. Seguem dois pontos para estes fins: o primeiro é mais típico das sete linhas, possuindo uma variação semelhante em cada uma. Já o segundo é específico da linha dos ancestrais.

Ao traçar o ponto da linha dos ancestrais, deve-se sempre usar pemba branca. Os dois pontos listados têm mais a ver com a face de Yorimá, até porque a maioria dos trabalhos realizados na face de Yori é muito mais ligada a processos que envolvem outros artifícios.

Nunca se deve acender uma vela dentro de qualquer um destes dois pontos. Sempre fora. À volta do ponto deve ser aceso o número de velas de acordo com a necessidade:

- *uma vela* – saúde;
- *duas velas* – espiritualidade;
- *três velas* – ritual de iniciação e Amaci.

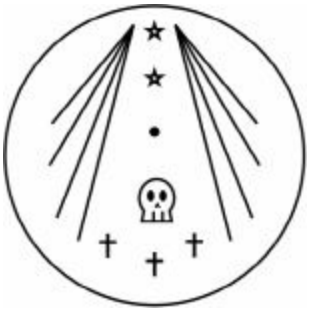


Figura 3.21.: *Ponto dos ancestrais.*

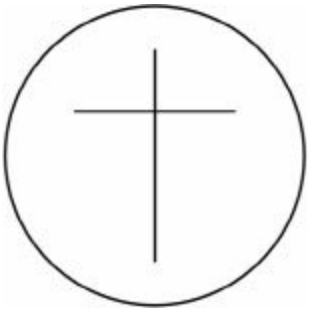


Figura 3.22.: *Ponto dos ancestrais.*

Observação: este ponto também pode ser usado como símbolo da linha de Oxalá, como já dito no capítulo respectivo.

Símbolos materiais

Existem certos objetos que são parte do que podemos chamar de símbolos materiais da linha.

Para encantar estes objetos com a energia desta linha, basta conseguir 21 folhas de levante e um litro de água. Quinar com as mãos o levante na água até que ela esteja esverdeada e as folhas tenham se desfeito. Coloca-se o objeto mergulhado e deixa-se por uma noite, ao ar livre ou no *pegí*. Seca-se bem e guarda-se, envolto em pano preto ou, preferencialmente, roxo.

No caso da linha dos ancestrais são eles:



Figura 3.23.: *A cabaça.*



Figura 3.24.: *A pipoca feita na areia.*

Objetos ritualísticos

Alguns objetos são próprios de certas linhas e têm um significado bastante importante nos rituais: representar ou chamar uma determinada energia. É o que chamamos de objetos ritualísticos. No caso da linha dos ancestrais, é:



Figura 3.25.: *A cruz.*

Para encantar a cruz, deve-se proceder da mesma forma que com os símbolos materiais, com um banho de ervas, porém mais completo: conseguem-se 21 folhas de levante, quatro folhas de aroeira (filhos de Oxalá e de Iemanjá não podem tocar nesta folha, portanto, veja na lista de ervas a mais apropriada, se for este o caso) e três de chapéu-de-couro, com dois litros de água. Quinar com as mãos as ervas na água até que ela esteja esverdeada e as folhas tenham se desfeito. Coloca-se o objeto mergulhado e deixa-se por uma noite, ao ar livre ou no *pegí*. Seca-se bem e guarda-se, envolto em pano roxo.

Roupas ritualísticas

Quando estamos realizando qualquer tipo de ritual, um sinal de respeito é aderir a ele utilizando uma peça de roupa ou um acessório que nos integre àquela energia ou àquele momento. No caso da linha de Yori e Yorimá, esta roupa também é uma forma de mostrar respeito aos ancestrais. Para quem não conhece mariô, é uma saia feita de folhas de palma. Também pode ser feita de palha-da-costa trançada, para imitar as roupas de Omolu, que se cobre para esconder as feridas de seu corpo. Os ibejis também usam adornos assim, só que pintados de várias cores; neste caso, pode-se substituir o mariô ou a palha-da-costa coloridas por fitas coloridas de cetim, de todas as cores.



Figura 3.26.: *A saia ou o adorno de mariô.*

Comemorações e ritos

Dia de Santa Ana – Festa de Nanã Buruku

Vinte e seis de julho

Esta festa é em honra de Nanã Buruku, a *Cacarucaia* dos Orixás, a avó, aquela que primeiro desposou Oxalá. Nanã Buruku deu o barro com que Oxalá moldou a vida, mas quando todo ser humano morre, ela o quer de volta, pois é parte dela. Sua festa é muito rica, com muitas flores, especialmente gerânios espalhados por todo lugar.

O que não pode faltar na festa de Nanã, contudo, é uma mesa com efó, que, diferente das outras comidas, não deve ser servido aos presentes. O efó é só de Nanã e, ao fim da festa, deve ser deixado no pé de uma árvore que fique à beira de um lago.

O efó precisa de meio quilo de camarão seco descascado, pimenta em pó, meio dentre de alho, uma cebola, uma pitada de coentro e um maço de taioba ou espinafre. Basta pegar o maço de verdura que se escolheu, cozinhar e deixar escorrer depois toda a água. Depois, colocar numa panela de barro com azeite-de-dendê e todos os outros ingredientes, deixando sempre a panela tampada para suar. Para os homens, serve-se puro. Para Nanã, na louça ou no barro, com folhas frescas de taioba ou espinafre decorando.

Olubajé - A Festa do Velho

Primeira quinzena de julho

O Olubajé é a festa anual em homenagem a Omolu, o Velho, Senhor das Pestilências.

Nessa comemoração, todos os orixás participam fazendo oferendas de comidas a Omolu, em troca de saúde e bons tempos, com exceção de Xangô, que foi quem fez a palha que cobre os ombros do Velho se levantar, mostrando suas feridas e fazendo que caçoassem dele, o que tornou-os inimigos. Esta também é a festa em que se lembra que Iansã foi quem curou as pestilências de Omolu, criando o doburu (pipoca) com seus ventos, que secaram as feridas do corpo de Omolu.

É um rito indispensável para quem quer ter boa saúde, tanto nas casas de Umbanda quanto nos terreiros de Candomblé. Realiza-se uma festa normalmente, com pretos velhos e outras entidades da linha, sob a face de Yorimá.

Para Omolu, prepara-se uma refeição especial: são servidos sobre uma esteira nove pratos, nove iguarias de Omolu, mas sobre folhas de mamona. A comida simboliza a vida, enquanto a folha de mamona simboliza a morte, a eterna dicotomia em que vive o Senhor da Peste.

Uma das comidas mais comumente servidas aos participantes da festa é o leitão, porco ou javali assado no vinho com o feijão de Omolu. Para fazer o feijão de Omolu são necessários um quilo de feijão fradinho, meio quilo de camarões secos, uma cebola grande e azeite de dendê. Basta cozinhar o feijão em água pura e temperar, depois de cozido, com os camarões já sem casca e a cebola ralada, amassar tudo e colocar num alguidá, temperando com o azeite de dendê.

Dia de São Cosme e Damião

Vinte e sete de setembro

Este dia também é conhecido como o *Dia de Ibeji ou Ibejada*. A comemoração deve ter tudo quanto a criançada quer: doces, brinquedos, sucos, refrigerantes e bolos. Até por isso é uma das festas mais conhecidas, dentro e fora da Umbanda.

A maioria das casas deixa preparada certa quantidade de *"saquinhos de Cosme e Damião"*. Esses saquinhos contêm, em geral, balas, doces típicos do Brasil, chocolates e pirulitos, além de carrinhos e bonequinhas em miniatura. Em algumas casas, também são distribuídos brinquedos nessa época: bonecas, bolas, caminhõezinhos e principalmente tambores.

Essa distribuição, em geral, toma a parte da manhã do dia 27 de setembro e diminui no resto da tarde, quando começa a comemoração.

Dentro da casa, são preparados um bolo grande e uma mesa de doces. Uma das coisas mais importantes é que, normalmente, o bolo fica por conta da casa e os doces são trazidos em bandejas pelos frequentadores e filhos. Um costume também bastante utilizado é enfeitar o teto do templo com bandeirolas ou fitinhas coloridas de todas as cores.

Na Umbanda de Nação, em que há incorporação do orixá, quem o traz em terra é o próprio: ou seja, canta-se para o orixá, que vem em terra e dá passagem ao erê. Normalmente, na Umbanda tradicional, o processo é o mesmo. Canta-se para chamar o guia da cabeça de cada médium e ele dá passagem à criança.

Especialmente os erês possuem um apego muito grande com brinquedos que ganham, sejam de seus próprios médiuns ou de outros. Quando eles chegam em terra, seus brinquedos são entregues a eles para que possam brincar.

Neste dia, não há atendimento. Festa é o nosso agradecimento por tudo o que as entidades fazem por nós no plano espiritual. Elas vêm em terra para comemorar, e nós lhes oferecemos isso sem nenhum preço. Portanto, é o dia de as crianças brincarem e serem felizes.

Dia das Crianças

Doze de outubro

Mais recentemente, com a instituição do feriado católico em honra de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, que cai na mesma data comercial, instituída nacionalmente como Dia das Crianças, muitas casas de Umbanda transferem a festa que ocorreria no dia 27 de setembro para o dia 12 de outubro, feriado, quando é possível fazer uma festa maior, que dure todo o dia e sem grandes

problemas com horários ou tempo.

Linha de Ogum

Ogum é o Senhor do Ferro e o Vencedor das Demandas.



Regências

Orixá	Ogum
Elemento natural	Ferro
Cor	Azul-escuro ou preto, branco e vermelho
Planeta regente[13]	Marte
Plano de evolução[14]	Plano da luta
Elementais	Sátiros
Princípio da moral	Retidão de propósitos
Virtude para o homem	Fortaleza
Santos católicos	São Jorge
Moradas do	

orixá/Bons lugares para realizar rituais nessa linha	Estradas, ferramentarias e locais de agricultura
Dia da semana	Terça-feira
Mês do ano	Abril
Essências	Violeta, açafrão
Horários para rituais	Das 9h às 11h – problemas comerciais Das 17h às 19h – demandas e produtividade
Metal	Aço, ferro e manganês
Pedras	Rubi, granada e sárdio
Flores	Cravos vermelhos e brancos
Ervas para rituais	Abacateiro, aroeira, canela, comigo-ninguém-pode, espada-de-são-jorge, goiabeira, jurubeba, mangueira, peregum, de folhas amarelas e verdes, pinheiro, romã, são-gonçalinho, vence-demanda
Números	4 (quatro), 8 (oito) e 11 (onze)



Figura 3.27.: *O punhal e a espada são as ferramentas de Ogum*

Símbolos e objetos

Representação simbólica e pontos gerais

A linha de Ogum é representada, de maneira geral, pela espada. Esse símbolo não deve ser colocado dentro de um círculo, pois ele não é um ponto. Um ponto é sempre traçado dentro de um círculo porque é uma referência ao mundo criado por Oxalá. A representação de uma linha, contudo, é algo que transcende o princípio e o fim, pois é uma energia, uma emanação que vai além do humano.



Figura 3.28.: *A linha de Ogum é representada, de maneira geral, pela espada.*

Para realizar trabalhos nesta linha, senão para uma entidade específica, é bom sempre traçar um ponto que evoque de maneira geral suas energias. Seguem dois pontos para estes fins: o primeiro é mais típico das sete linhas, possuindo uma variação semelhante em cada uma. Já o segundo é específico da linha de Ogum.

Ao traçar o ponto da linha de Ogum, deve-se usar pemba azul (a branca acaba valendo para todos e para os dias de trabalho). No ponto da linha de Ogum, sempre deve haver uma vela acesa bem no centro, e nunca se deve usar mais do que três velas acesas em volta do ponto, totalizando quatro velas, no máximo, de acordo com a necessidade. À volta do ponto, deve ser aceso o número de velas de acordo com a necessidade:

- *uma vela* – questões de luta pessoal;
- *duas velas* – questões de demanda no trabalho;
- *três velas* – outros problemas;
- *quatro velas* – rituais de iniciação e a Amaci.

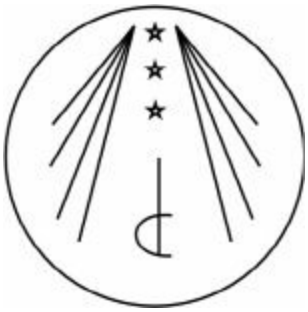


Figura 3.29.: *Ponto de Ogum.*

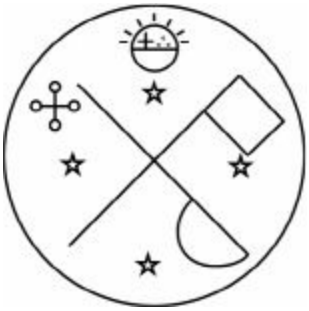


Figura 3.30.: *Ponto de Ogum.*

Símbolos materiais

Existem certos objetos que são parte do que podemos chamar de símbolos materiais da linha. Esses objetos são usados para representar o Orixá em rituais, evocar sua energia, clamar por ele ou por sua misericórdia, entre outras coisas.

Para encantar estes objetos com a energia desta linha, basta conseguir 21 folhas de vence-demanda e um litro de água. Quinar com as mãos as folhas de vence-demanda na água até que ela esteja esverdeada e as folhas tenham se desfeito. Coloca-se o objeto mergulhado e deixa-se por uma noite, ao ar livre ou no *pegí*. Seca-se bem e guarda-se, envolto em pano azul-escuro.

No caso da linha das águas, são eles:



Figura 3.31.: *A espada*



Figura 3.32.: *O martelo.*

Objetos ritualísticos

Alguns objetos são próprios de certas linhas e têm um significado bastante importante nos rituais: representar ou chamar uma determinada energia. São o que chamamos de Objetos Ritualísticos. Eles são usados especificamente em rituais, enquanto os símbolos materiais podem ser usados em atendimentos, por exemplo, para representar a linha, enquanto se pede algo. No caso da linha de Ogum, são:



Figura 3.33.: *A bigorna.*

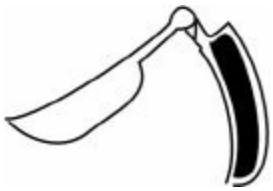


Figura 3.34.: *A navalha.*

Para encantar a bigorna (que não deve ser guardada, mas permanecer ao ar livre) e a navalha, de preferência na frente da casa, deve-se proceder da mesma forma que com os símbolos materiais, com um banho de ervas, porém mais completo: conseguem-se 21 folhas de vence-demanda, quatro folhas de goiabeira e três de levante, com dois litros de água. Quinar com as mãos as ervas na água até que ela esteja esverdeada e as folhas tenham se desfeito. Coloca-se o objeto mergulhado e deixa-se por uma noite, ao ar livre ou no *pegí*. Seca-se bem e guarda-se, envolto em pano azul-marinho com fita vermelha.

Roupas ritualísticas

Quando realizamos qualquer tipo de ritual, um sinal de respeito é aderir a ele utilizando uma peça de roupa ou um acessório que nos integre àquela energia ou àquele momento. No caso da linha de Ogum, esta roupa também é uma forma de mostrar respeito ao orixá, cobrindo o abdome, e só deve ser usada por homens ou mulheres incorporadas por entidades masculinas:



Figura 3.35.: *O pano das costas cruzado.*

Consiste no pano das costas, amarrado cruzado sobre o ombro direito, cobrindo o peito.

Comemorações e ritos

Dia de São Jorge

Vinte e três de abril

No dia 23 de abril comemora-se o dia de São Jorge. Neste dia, nas casas de Umbanda, é dia de Ogum e é dia de fazer a famosa feijoada de Ogum, em grande quantidade, para servir em festa e para quem viver na rua, aos pobres e aos necessitados. Não deve sobrar da feijoada nada que seja jogado fora.

A festa deve começar logo de manhã cedinho, preparando a feijoada. Veja a receita a seguir:

Feijoada de Ogum

- um quilo de feijão preto
- 500 g de peito bovino
- 500 g de carne seca
- 250 g de lombo salgado
- 500 g de paio
- 250 g de toucinho fresco ou defumado
- 250 g de costela salgada
- uma cebola grande
- sal a gosto
- azeite de dendê
- louro e alho

Preparar essa maravilhosa iguaria para Ogum é muito simples. Basta colocar as carnes e o feijão de molho, separadamente, de véspera. Depois é só aferventar bem para tirar o excesso de sal e de gordura, trocando a água pelo menos duas vezes. Depois, é só cozinhar o feijão junto com as carnes e o louro a gosto. Quando tudo estiver bem-cozido, temperar com a cebola e o alho refogados no azeite de dendê.

No entanto, essa feijoada não se come com arroz branco soltinho, mas sim como no tempo dos escravos, com angu de arroz, que leva fubá de arroz, leite de coco e sal – o angu de arroz também é o acompanhante do vatapá de Ogum, outra iguaria do orixá.

Desmanche o fubá de arroz em leite de coco ralo, frio. Tempere com sal e leve ao fogo para cozinhar, sem parar de mexer. Quando estiver cozido, pode juntar o leite de coco puro, fervendo por mais um ou dois minutos. Despeje em forma molhada, deixe esfriar e desenforme num prato.

Feito isto, no começo da tarde são chamadas as entidades: em geral, vêm os boiadeiros e os baianos da linha de Ogum – e vez ou outra, alguns caboclos que respondem nesta linha e outras entidades regionais. Tudo depende da organização da casa. Nas casas de Nação, um filho de Ogum geralmente o veste, entra em transe com o orixá e dança, para ao final entregar os primeiros pratos de sua feijoada e retirar-se, ao que segue a festa, servindo a feijoada de Ogum.

Linha de Oxóssi

Oxóssi é o Senhor da Fartura e da Prosperidade.



Regências

Orixá	Oxóssi
Elementos naturais	Fauna e flora
Cor	Verde-folha e verde-claro
Planeta regente[15]	Saturno
Plano de evolução[16]	Plano do pensamento
Elementais	Silfos
Princípio da moral	Tolerância de opinião
Virtude para o homem	Temperança
Santos católicos	São Sebastião
Moradas do Orixá/	

Bons lugares para realizar rituais nessa linha	Matas, pradarias e lugares onde se possa caçar
Dia da semana	Quinta-feira
Mês do ano	Setembro
Essências	Essências de folha em geral
Horários para rituais	Cair da noite, das 18h às 20h
Metais	Ferro e magnésio
Pedras	Turmalina e jaspe
Flores	Margaridas e gérberas
Ervas para rituais	Abre-caminho, alecrim-do-campo, capim-limão, chapéu-de-couro, erva doce, jureminha, levante, malva-rosa, mangueira, peregun verde, pitangueira, romã, sabugueiro, vence-demandas, violeta
Números	5 (cinco), 15 (quinze) e 19 (dezenove)

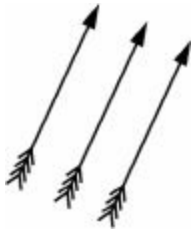


Figura 3.36.: *As flechas abatem a caça que traz fartura e prosperidade.*

Símbolos e objetos

Representação simbólica e pontos gerais

A linha de Oxóssi é representada, de maneira geral, pelo arco e pela flecha cruzados, símbolo da caça e da prosperidade. Esse símbolo não deve ser colocado dentro de um círculo, pois ele não é um ponto. Um ponto é sempre traçado dentro de um círculo porque é uma referência ao mundo criado por Oxalá. A representação de uma linha, contudo, é algo que transcende o princípio e o fim, pois é uma energia, uma emanação que vai além do humano.

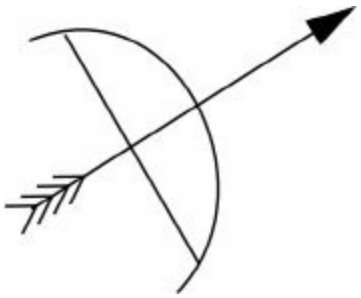


Figura 3.37.: *A linha de Oxóssi é representada, de maneira geral, pelo arco e pela flecha cruzados, símbolo da caça e da prosperidade.*

Para realizar trabalhos nesta linha, senão para uma entidade específica, é bom sempre traçar um ponto que evoque de maneira geral suas energias. Seguem dois pontos para estes fins: o primeiro é mais típico das sete linhas, possuindo uma variação semelhante em cada uma. Já o segundo é específico da linha de Oxóssi.

Ao traçar o ponto da linha de Oxóssi, deve-se usar pemba verde ou branca, no máximo.

Podem ser usadas de uma a cinco velas para manter o ponto, dependendo da necessidade, mas uma, necessariamente, tem de estar dentro do ponto. Podem-se usar velas brancas, azuis-claras e amarelas para a linha das águas. À volta do ponto, deve ser aceso o número de velas de acordo com a necessidade:

- *uma vela* – questões espirituais;
- *duas velas* – questões de prosperidade;
- *três velas* – problemas financeiros;
- *quatro velas* – ritos de iniciação e Amaci.



Figura 3.38.: *Ponto de Oxóssi.*



Figura 3.39.: *Ponto de Oxóssi.*

Símbolos materiais

Existem certos objetos que são parte do que podemos chamar de símbolos materiais da linha. Esses objetos são usados para representar o orixá em rituais, evocar sua energia, clamar por ele ou por sua misericórdia, entre outras coisas.

Para encantar esses objetos com a energia desta linha, basta conseguir 21 folhas de alecrim e um litro de água. Quinar com as mãos o alecrim na água até que ela esteja esverdeada e as folhas tenham se desfeito. Coloca-se o objeto mergulhado e deixa-se por uma noite, ao ar livre ou no *pegí*. Seca-se bem e guarda-se, envolto em pano verde.

No caso da linha de Oxóssi, são eles:



Figura 3.40.: *O arco.*



Figura 3.41.: *O chicote.*

Objetos ritualísticos

Alguns objetos são próprios de certas linhas e têm um significado bastante importante nos rituais: representar ou chamar determinada energia. É o que chamamos de objetos ritualísticos. Eles são usados especificamente em rituais, enquanto os símbolos materiais podem ser usados em atendimentos, por exemplo, para representar a linha, enquanto se pede algo.

No caso da linha de Oxóssi, é:



Figura 3.42.: *A pena.*

Para encantar, deve-se proceder da mesma forma que com os símbolos materiais, com um banho de ervas, porém mais completo: conseguem-se 21 folhas de alecrim, quatro flores de sabugueiro e três de romã, com dois litros de água. Quinar com as mãos as ervas na água até que ela esteja esverdeada e as folhas tenham se desfeito. Coloca-se o objeto mergulhado e deixa-se por uma noite, ao ar livre ou no *pegí*. Seca-se bem e guarda-se, envolto em pano verde com fita de cetim verde-claro.

Roupas ritualísticas

Quando realizamos qualquer tipo de ritual, um sinal de respeito é aderir a ele utilizando uma peça de roupa ou um acessório que nos integre àquela energia ou àquele momento. No caso da linha de Oxóssi, esta roupa só deve ser usada em gira específica e por quem possuir entidades incorporadas que sejam desta linha:



Figura 3.43.: *O chapéu de couro.*

Comemorações e ritos

Festa de São Sebastião

Vinte de janeiro

No dia 20 de janeiro comemora-se o dia de São Sebastião. No Brasil, ele é padroeiro de mais de vinte cidades, entre elas Rio de Janeiro, Três Rios, Aperibé, Araruama, no Rio de Janeiro; Rio Verde, em Goiás; Altamira e Parauapebas, no Pará; Alto Garças, no Mato Grosso; Alcobaça, Caravelas, Itambé, Trancoso e Maraú, na Bahia (além de, na região sul deste estado, a festa a São Sebastião ser chamada popularmente de Cavalhada e ter toques de encantaria brasileira e um papel fundamental dos caboclos); Monsenhor Tabosa, no Ceará; Alpinópolis, Andradas, Cruzília, Coronel Fabriciano, Leopoldina, Bom Jardim de Minas e São Sebastião do Paraíso, em Minas Gerais;

Cajamar, Valinhos, Ibiúna e Suzano, no interior de São Paulo; Jataúba, Cabo de Santo Agostinho, Belo Jardim e Ouricuri, em Pernambuco; Xapuri, no Acre; Paranavaí e Sengés, no Paraná; Bagé, São Sebastião do Caí e Venâncio Aires, no Rio Grande do Sul; Sombrio, Santa Catarina; São Sebastião de Lagoa de Roça e São Bento, na Paraíba e Equador, no Rio Grande do Norte. É um dos santos mais populares do Brasil e, sincretizado com Oxóssi, ao lado de Iemanjá e Oxalá, sua festa é uma das maiores da Umbanda.

Neste dia, os caboclos vêm em terra para dar consultas, passes e, principalmente, dançar o famoso samba de caboclo. Nas casas de Umbanda de Nação, também ocorre, habitualmente, um ritual bastante peculiar: Oxóssi vem em terra e serve ele mesmo, aos presentes, porções de seu mungunzá, servido em folhas de milho, para se comer com as mãos. É um dia de agradecimento, por isso são servidas iguarias diversas além desta, que é a mais tradicional. Veja a receita:

Mungunzá

- 50 g de milho branco para canjica
- uma garrafinha de leite de coco
- um copo de leite de vaca
- um litro de água
- sal (à vontade)
- uma xícara de açúcar

No dia anterior, ponha o milho de molho. Depois, de manhã, cozinhe com o sal. Quando estiver bem-cozido, misture com os outros ingredientes e sirva.

Festa dos Caboclos na Primavera

Vinte e três de setembro ou data próxima

A Festa dos Caboclos é muito semelhante à que é oferecida em honra de Oxóssi na data de São Sebastião. Mas uma das grandes diferenças é que, neste dia, serve-se o aluá de caboclo, e são as próprias entidades que o fazem. Elas também podem bebê-lo e oferecê-lo com passes e energizações, para os mais diversos fins.

Segue a receita mais conhecida e tradicional:

Aluá de Oxossi

- uma garrafa de vinho tinto doce
- uma colher (sopa) de gengibre ralado
- açúcar (à vontade)
- folhas de jurema

Misture o vinho com o gengibre e adoce a gosto. Junte as folhas de jurema se estiver preparando a bebida para o orixá, e não para servir ao povo numa festa.

Linha de Xangô

Xangô é o Senhor da Justiça e da Igualdade.



Regências

Orixá	Xangô
Elemento natural	Fogo
Cor	Vermelho-real e branco ou terracota e branco
Planeta regente[17]	Júpiter
Plano de evolução[18]	Plano da escolha
Elemental	Golem
Princípio da moral	Clemência para julgar
Virtude para o homem	Justiça
Santos católicos	São Jerônimo e São Pedro
Moradas do	

Orixá/Bons lugares para realizar rituais nessa linha	Pedreiras e penhascos, grutas de pedras, redutos da natureza contendo rochas e fogo.
Dia da semana	Quarta-feira
Meses do ano	Maio e junho
Essências	Sândalo e outros aromas amadeirados
Horários para rituais	das 12h às 14h, para questões de Justiça
Metal	Estanho
Pedras	Jaspe, topázio marrom, cornalina.
Flores	Saudade, violeta branca, cravos vermelhos
Ervas para rituais	Alecrim do mato, café, erva-de-santa-maria, erva-lírio, fortuna, gervão roxo, levante ou alevante, limoeiro, malva-branca, manjericão branco, para-raio, pata-de-vaca, quebra-pedra, sucupira
Números	6 (seis), 12 (doze) e 18 (dezoito)



Figura 3.44.: *A coroa e o manto a Xangô pertencem, pois Xangô é o Rei.*

Símbolos e objetos

Representação simbólica e pontos gerais

A linha de Xangô é representada, de maneira geral, por dois machados cruzados, símbolo do orixá e de sua constante luta por justiça. Esse símbolo não deve ser colocado dentro de um círculo, pois ele não é um ponto. Um ponto é sempre traçado dentro de um círculo porque é uma referência ao mundo criado por Oxalá. A representação de uma linha, contudo, é algo que transcende o princípio e o fim, pois é uma energia, uma emanação que vai além do humano.



Figura 3.45.: *A linha de Xangô é representada, de maneira geral, por dois machados cruzados, símbolo do orixá e de sua constante luta por justiça.*

Para realizar trabalhos nesta linha, senão para uma entidade específica, é bom sempre traçar um ponto que evoque de maneira geral suas energias. Seguem dois pontos para estes fins: o primeiro é mais típico das sete linhas, possuindo uma variação semelhante em cada uma. Já o segundo é específico da linha de Xangô.

Ao traçar o ponto da linha de Xangô, deve-se usar pemba branca. Xangô resolve prioritariamente problemas com justiça, seja ela divina ou mundana. Quando o problema for esse, devem ser colocadas dentro do ponto seis velas brancas. Esta é a única situação em que se deve colocar velas dentro do ponto da linha de Xangô, sempre três de cada lado do oxê (machado). Outras formas de valer-se das velas é colocar uma vela no centro do ponto e, do lado de fora:

- *uma vela* – questões de família;
- *duas velas* – problemas emocionais;
- *seis velas* – ritos de iniciação e Amaci.



Figura 3.46.: *Ponto de Xangô.*



Figura 3.47.: *Ponto de Xangô.*

Símbolos materiais

Existem certos objetos que são parte do que podemos chamar de símbolos materiais da linha. Esses objetos são usados para representar o orixá em rituais, evocar sua energia, clamar por ele ou por sua misericórdia, entre outras coisas.

Para encantar estes objetos com a energia desta linha, basta conseguir 21 folhas de pata-de-vaca e um litro de água. Quinar com as mãos a pata-de-vaca na água até que ela esteja esverdeada e as folhas tenham se desfeito. Coloca-se o objeto mergulhado e deixa-se por uma noite, ao ar livre ou no *pegí*. Seca-se bem e guarda-se, envolto em pano vermelho.

No caso da linha de Xangô, são eles:



Figura 3.48.: *A machadinha.*

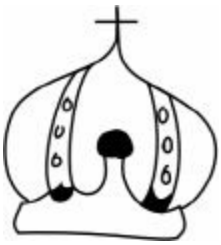


Figura 3.49.: *A coroa.*

Objetos ritualísticos

Alguns objetos são próprios de certas linhas e têm um significado bastante importante nos rituais:

representar ou chamar determinada energia. É o que chamamos de objetos ritualísticos. Eles são usados especificamente em rituais, enquanto os símbolos materiais podem ser usados em atendimentos, por exemplo, para representar a linha, enquanto se pede algo.

No caso da linha de Xangô, usam-se:



Figura 4.50.: *O quartilhão.*

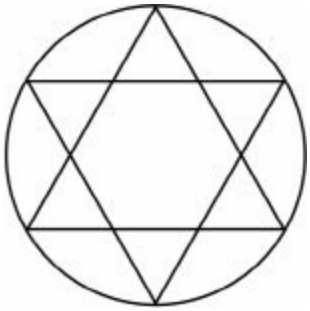


Figura 3.51.: *A estrela de seis pontas.*

Para encantar ambos os objetos, deve-se proceder da mesma forma que com os símbolos materiais, com um banho de ervas, porém mais completo: conseguem-se 21 folhas de pata-de-vaca, quatro de quebra-pedra e três de alecrim do mato, com dois litros de água. Quinar com as mãos as ervas na água até que ela esteja esverdeada e as folhas tenham se desfeito. Coloca-se o objeto mergulhado e deixa-se por uma noite, ao ar livre ou no *pegí*. Seca-se bem e guarda-se, envolto em pano vermelho com fita branca.

Roupas ritualísticas

Quando realizamos qualquer tipo de ritual, um sinal de respeito é aderir a ele utilizando uma peça de roupa ou um acessório que nos integre àquela energia ou àquele momento. No caso da linha de Xangô, estamos falando, na verdade, de um acessório, uma fita vermelha que pode ser amarrada junto com o torço na cabeça, ou para prender o cabelo, ou no caso dos homens, na cintura, como um cinto.

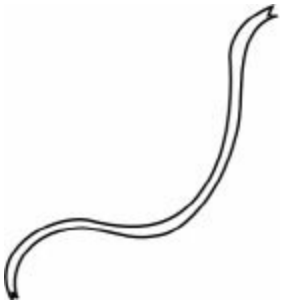


Figura 3.52.: *A fita vermelha.*

Comemorações e ritos

Folia de Reis

Seis de janeiro

A Folia de Reis é uma festa tradicional que está associada à celebração do Natal. Nesta data, comemora-se a visita de Gaspar, Belchior e Baltasar, os Três Reis Magos que, segundo a lenda, perfizeram longa viagem, do Extremo Oriente às terras do povo de Israel, para adorar Jesus Cristo recém-nascido, trazendo consigo presentes: ouro – simbolizando sua realeza e seu grande papel entre os homens; Mirra – usada para um dia embalsamar seu corpo, lembrando sua humanidade; e incenso – para remeter a sua divindade entre os homens.

A Folia de Reis é uma festa tipicamente portuguesa, que mais se assemelha a um carnaval que a uma festa religiosa; já no Brasil, embora conserve a alegria de uma folia, ela tem um caráter religioso muito mais forte do que o festivo. Na Umbanda, ela foi associada a Xangô, o Rei.

A tradicional Folia de Reis, em algumas cidades, começa no dia 24 de dezembro (véspera de Natal) e termina dia dois de fevereiro (com a festa de Nossa Senhora dos Navegantes e a proximidade do Carnaval. Os foliões saem às ruas com instrumentos musicais diversos (violão, sanfona, cavaquinho, pandeiro, chocalho, triângulo, etc) exaltando o Menino-Deus, batendo de porta em porta e pedindo oferendas para a própria folia e para os pobres. Essas oferendas são colocadas numa caixa ou baú, a caixa da Folia de Reis, e são responsáveis por ela todos os homens da folia, mas principalmente o folião-chefe, que é o "Alferes". É um grupo muito divertido, que apresenta peças teatrais às crianças e canções aos passantes e moradores.

São sempre doze pessoas, entre homens e mulheres, de roupas bastante coloridas, mas além do Alferes, existem o Mestre e o Contramestre, responsáveis pelas atividades que o grupo deve realizar e por quais lugares devem seguir. Isso sem esquecer três figuras que nunca podem faltar: os três Reis Magos. Há também, ocasionalmente, um palhaço, que deve distrair os outros personagens que simbolizam os soldados de Herodes para que não cheguem até os Reis Magos e o Menino Jesus. É a representação de uma viagem de esperança e justiça, guiada por uma estrela no céu.

Na Umbanda, principalmente no interior do Brasil, algumas casas preservam esta tradição para juntar fundos para a caridade. Quem faz parte da folia promete por seis anos seguir com a tradição, para fazer jus ao papel que desempenha de promover a caridade.

Os foliões saem cantando cantos como:

A esmola que se dá
Nós viemos receber
Gloriosos Santos Reis
Que vêm agradecer

Ô senhor dono da casa
Alegra seu coração
Recebe os Santos Reis
Com todo o seu folião

Santos Reis pedem esmola
Não é ouro nem dinheiro
Eles pedem Adjuntório
Um alimento pro festeiro

Ô de casa, Ô de casa
Alegrem-se moradores
Que a Folia de Reis
Na sua porta chegou

Aqui estão os Santos Reis
Meia-noite fora de hora
Procurando vossa morada
Pedindo sua esmola

Senhor dono da casa
Vem abrir as portarias
Receber os Santos Reis
Com sua nobre folia

Concluímos este canto
Fazendo o sinal da cruz
Pai, Filho, Espírito Santo
Para sempre, amém, Jesus.

No último dia da folia, que tradicionalmente só é comemorada de dois a seis de janeiro, o Dia de Reis, habitualmente acontece a festa de Xangô, na qual se servem pratos típicos e bebidas do Rei da Justiça.

Dia de São Pedro

Vinte e nove de junho

São Pedro foi o apóstolo de Cristo que fundou a Igreja Católica. Depois de sua morte, São Pedro, segundo a tradição católica, foi nomeado chaveiro do céu. Assim, para entrar no Paraíso, é

necessário que o santo abra suas portas. Por esse motivo foi associado com Xangô na Umbanda, pois ele julga quem foi justo e certo e quem não foi, criando assim a mais alta justiça divina. Ele é festejado no dia 29 de junho, com a realização de grandes procissões marítimas em várias cidades do Brasil, já que é tido, também, como guardião dos pescadores e das viúvas.

Na Umbanda, em homenagem a este dia, acendem-se fogueiras, erguem-se mastros com sua bandeira e queimam-se fogos. É comum que haja uma gira de caboclos de Xangô e outras entidades que trabalham nessa linha e que a festa aconteça com muita dança e oferendas de agradecimento pelas graças alcançadas.

Linha do Oriente

A linha do Oriente chega a nós pelos ventos de Iansã.



Regências

Orixá	Iansã
Elemento natural	Vento
Cores	Laranja e rosa
Planeta regente[19]	Vênus
Plano de evolução[20]	Plano do desejo
Elementais	Salamandras
Princípio da moral	Simpatia
Virtude para o homem	Prudência
Santos católicos	Santa Catarina de Alexandria e Santa Sarah Kali
Moradas do Orixá/Bons lugares	

para realizar rituais nessa linha	Bambuzal e pradarias descampadas
Dia da semana	Sexta-feira
Mês do ano	Outubro e novembro
Essências	Benjoim, pau-de-aloé
Horários para rituais	das 9h às 11h – perspicácia e inteligência das 21h às 23h – obter energia sexual
Metal	Cobre
Pedras	Coral vermelho, quartzo rosa
Flores	Rosas vermelhas, dálias, damas-da-noite
Ervas para rituais	Alfazema-de-caboclo, alfazema, anil, arruda, cana-do-brejo, cipó-azogue, dormideira, erva-prata, erva-santa-bárbara, gervão roxo, losna, mal me quer, orquídea, para-raios, violeta
Números	7 (sete), 9 (nove) e 21 (vinte e um)



Figura 3.53.: *A estrela de pontas, traçada a mão, onde for, para proteção.*

Símbolos e objetos

Representação simbólica e pontos gerais

A linha do Oriente é representada, de maneira geral, por uma profusão de três elementos: a Lua que encobre o Sol, ladeada por estrelas. Esse símbolo não deve ser colocado dentro de um círculo, pois ele não é um ponto. Um ponto é sempre traçado dentro de um círculo porque é uma referência ao mundo criado por Oxalá. A representação de uma linha, contudo, é algo que transcende o princípio e o fim, pois é uma energia, uma emanação que vai além do humano.

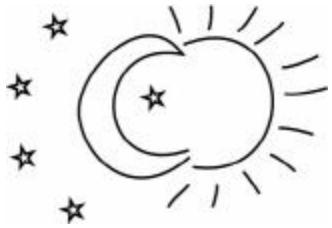


Figura 3.54.: *A linha do Oriente é representada, de maneira geral, por uma profusão de três elementos: a Lua que encobre o Sol, ladeada por estrelas*

Para realizar trabalhos nesta linha, senão para uma entidade específica, é bom sempre traçar um ponto que evoque de maneira geral suas energias. Seguem dois pontos para estes fins: o primeiro é mais típico das sete linhas, possuindo uma variação semelhante em cada uma. Já o segundo é específico da linha do Oriente.

Ao traçar o ponto da linha do Oriente, podem-se usar pembas de todas as cores, pois este é o espírito desta linha: a diversidade. Diferentemente das outras linhas, o melhor jeito de trabalhar com velas nos pontos é acender nove velas do lado de fora do círculo que delimita o ponto, e essa configuração serve para quase qualquer tipo de problema, demanda ou ritual, inclusive iniciação e Amaci.



Figura 3.55.: *Ponto da linha do Oriente.*



Figura 3.56.: *Ponto da linha do Oriente.*

Símbolos materiais

Existem certos objetos que são parte do que podemos chamar de símbolos materiais da linha. Esses objetos são usados para representar o orixá em rituais, evocar sua energia, clamar por ele ou por sua misericórdia, entre outras coisas.

Para encantar estes objetos com a energia desta linha, basta conseguir 21 tipos diferentes de incenso e incensar largamente os objetos. Deixa-se por uma noite, ao ar livre ou no *pegí*. Seca-se bem e guarda-se, envolto em pano estampado, colorido. No caso da linha do oriente, são eles:

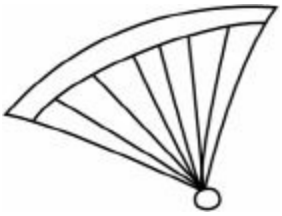


Figura 3.57.: *O leque.*



Figura 3.58.: *Os oráculos.*

Objetos ritualísticos

Alguns objetos são próprios de certas linhas e têm um significado bastante importante nos rituais: representar ou chamar determinada energia. É o que chamamos de objetos ritualísticos. Eles são usados especificamente em rituais, enquanto os símbolos materiais podem ser usados em atendimentos, por exemplo, para representar a linha, enquanto se pede algo. No caso da linha do Oriente:



Figura 3.59.: *A estrela de cinco pontas.*

Diferentemente dos outros objetos ritualísticos, ela não é um objeto físico, mas temporário, e deve ser desenhada no chão, com a cor que for apropriada ao assunto a ser tratado:

- Branca – paz interior
- Azul-claro – família
- Amarelo – dinheiro
- Verde – prosperidade
- Azul-escura – orientação pessoal
- Roxa – saúde

Roupas ritualísticas

Quando realizamos qualquer tipo de ritual, um sinal de respeito é aderir a ele utilizando uma peça de roupa ou um acessório que nos integre àquela energia ou àquele momento. No caso da linha do Oriente é o véu ou lenço, usado para cobrir a cabeça em respeito aos ancestrais e às entidades presentes.

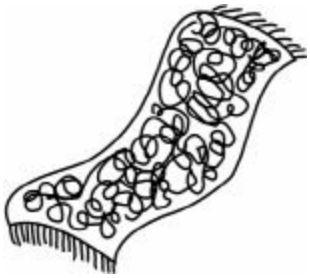


Figura 3.60.: *O véu.*

Comemorações e ritos

No caso da linha do Oriente, são muitas as datas comemorativas que podem ser celebradas, dependendo da orientação da casa. Por isso, enumeraremos apenas o nome da festa e a data de celebração, visto que aqui a variedade é muito maior que nos outros casos, e não podemos oferecer um padrão de comemoração. As datas que porventura ficarem de fora, foi por esquecimento ou desconhecimento, e não por não terem seu valor.

Festa de Santa Sara Kali

Vinte e quatro de maio

Festa típica do povo cigano em que se comemora a padroeira deles, Santa Sara Kali, uma cigana egípcia, martirizada e depois reconhecida como santa.

Dia de Santa Catarina de Alexandria

Vinte e cinco de novembro

Dia de Santa Catarina de Alexandria, nascida no Egito e defensora do conhecimento e da sabedoria.

Dia de Santa Bárbara

Quatro de dezembro

Dia de Santa Bárbara, virgem e mártir católica, protetora dos desamparados, sincretizada com Iansã, Senhora dos Ventos, das Tempestades e dos Raios.

Dia de Todos os Santos

Primeiro de novembro

O dia de Todos os Santos foi convertido em um dia típico da Linha do Oriente, pois neste dia podem se manifestar as mais diversas entidades. É o tempo em que o véu entre o mundo dos mortos e o dos vivos se rompe e o contato entre eles se torna maior.

Dia de Finados

Dois de novembro

Também conhecido como dia dos Mortos. Embora regido por Iansã, muitos dos rituais realizados neste dia têm a ver com Nanã e a linha dos ancestrais, com as entidades que trabalham na face de Yorimá.

---

[1] Numa contagem numerológica de 1 a 21 (que compete a 3 × 7).

[2] No sistema solar, os chamados astros sagrados.

[3] Quando falamos em plano de evolução, nos referimos à evolução da alma e do espírito, em relação ao mundo, à inteligência, ao pensamento e aos desejos e sonhos.

[4] O extravirgem é o azeite de oliva em sua forma mais pura, o virgem contém certo grau de mistura com outros óleos e os misturados não servem.

[5] Embora sejam mais comuns, devem-se evitar os barcos de isopor, pois agridem a natureza e prejudicam a vida marinha. Dê preferência a cestos feitos de palha ou madeira de cipó ou a barcos feitos de madeira. Esses materiais, sim, são biodegradáveis.

[6] No sistema solar, os chamados astros sagrados.

[7] Quando falamos em plano de evolução, nos referimos à evolução da alma e do espírito, em relação ao mundo, à inteligência, ao pensamento e aos desejos e sonhos.

[8] Significado implícito, citado como nota de tradução.

[9] No sistema solar, os chamados astros sagrados.

[10] Quando falamos em plano de evolução, nos referimos à evolução da alma e do espírito, em relação ao mundo, à inteligência, ao pensamento e aos desejos e sonhos.

[11] Falamos em alma, pois a crença umbandista, bem como da maioria dos cultos espiri tualistas, acredita que o corpo possui uma estrutura tricotomista, ou seja, ele é formado por matéria, alma e espírito, e a diferença entre ambos é que a alma é o vínculo com os ancestrais e o mundo espiritual, enquanto o espírito é aquilo que faz de nós o que somos e carrega nossa personalidade. Existem alguns outros cultos e religiões que se baseiam numa crença dicotomista, de que existem apenas matéria e espírito. Nesse caso, o espírito englobaria tudo quanto fosse sobrenatural e supranatural.

[12] Embora não sejam crianças, e sim dois médicos adultos que foram os pais da Pediatria, eles são considerados protetores das crianças, por isso foram sincretizados com os ibejis da cultura iorubana.

[13] No sistema solar, os chamados astros sagrados.

[14] Quando falamos em plano de evolução, nos referimos à evolução da alma e do espírito, em relação ao mundo, à inteligência, ao pensamento e aos desejos e sonhos.

[15] No sistema solar, os chamados astros sagrados.

[16] Quando falamos em plano de evolução, nos referimos à evolução da alma e do espírito, em relação ao mundo, à inteligência, ao pensamento e aos desejos e sonhos.

[17] No sistema solar, os chamados astros sagrados.

[18] Quando falamos em plano de evolução, nos referimos à evolução da alma e do espírito, em relação ao mundo, à inteligência, ao pensamento e aos desejos e sonhos.

[19] No sistema solar, os chamados astros sagrados.

[20] Quando falamos em plano de evolução, nos referimos à evolução da alma e do espírito, em relação ao mundo, à inteligência, ao pensamento e aos desejos e sonhos.

Apêndice

Controvérsias sobre a incorporação: entidades, orixás, reminiscências do cristianismo e as relações com os seres humanos

Muito se discute sobre que tipo de entidade vem à Terra. Alguns dizem que são as entidades mais evoluídas. Outros dizem que são aquelas que estão começando a entrar no nível do divino; já nas crenças africanas, acredita-se que o processo de incorporação é feito pelos deuses, pelos orixás, pois no momento em que nascemos, a energia deles passa a habitar dentro de nós. As negativas, debates e embates acerca desse assunto geram as mais diversas controvérsias, que vão do desde papel das entidades e dos Orixás até a sua forma, ou mesmo as suas relações hierárquicas. Um bom exemplo disso é seguinte citação, retirada da Internet:[1]

Os caboclos, pretos velhos e crianças, que fazem parte da chamada corrente astral de Umbanda, trabalham dentro de uma das sete linhas de Umbanda [...] Os caboclos que trabalham nos terreiros são das seguintes linhas: orixalá (estes não incorporam, somente passam vibrações), Ogum, Oxossi, Xangô e Iemanjá; os pretos velhos são da linha de Yorimá; e as crianças da linha de Yori.
Nos terreiros, em geral trabalha-se com protetores de 5º, 6º e 7º grau. Para se trabalhar com guia (4º grau) é exigida muita experiência e devoção por parte do médium. Raras (praticamente impossíveis) são as incorporações de orixás menores (1º, 2º e 3º grau), que necessitam de um médium muitíssimo preparado, uma corrente mediúnica segura, um terreiro limpo no físico, astral e mental, e ausência de obsessores até mesmo vindo da assistência. É impossível a incorporação de orixás maiores [...]

Alguns trechos deste artigo revelam algumas visões recorrentes e comuns na Umbanda, que, além de gerarem grandes preconceitos com relação a outras religiões – especialmente de matriz africana – generalizam fatores que não podem ser generalizados.

Parte I

Um primeiro problema é caracterizar entidades de acordo com a linha e não de acordo com outras circunstâncias como a natureza do médium, que tipo de missão aquela entidade tem, qual o tipo de vibração que é da própria natureza da entidade, etc.

A exemplo disso, tomarei o exemplo do caboclo Junco Verde, com quem tenho uma relação bastante próxima e grande afinidade e que me ensinou muito sobre o reconhecimento e o trato das entidades de maneira geral.

Em geral, o caboclo Junco Verde sempre responde como entidadechefe de um médium. Não há casos em que ele fique atrás de um preto velho ou de qualquer outra entidade, como pode acontecer com outros caboclos. Ele pode vir na linha de Oxalá, representando filhos de Oxalá ou de Ossaim, na linha de Oxóssi, representando filhos de Oxóssi, ou na face Yorimá, da linha dos Ancestrais, representando filhos de Omolu. Isso porque este caboclo tem uma grande afinidade com curas físicas, emocionais e espirituais. Dizer que ele sempre se apresenta em uma determinada linha, seria generalizar algo que não pode ser generalizado. Assim como este existem tantos outros casos.

Por isso, há pequenos fatores que, uma vez identificados, ajudam a perceber a real natureza de uma entidade que desenvolve, em conjunto com um médium, seu trabalho mediúnico:

A que Orixá aquela entidade responde/obedece, naquele médium?

Para responder esta pergunta, é importante saber, em primeiro lugar que toda pessoa é formada pela junção de sete Orixás que combinam suas características mais diversas para nos dar vida e personalidade. Essa junção é representada por uma forma mística, o septagrama ou heptáculo, isto é, a estrela de sete pontas. Veja a imagem:



Figura 1.: *O septagrama ou heptáculo.*

O primeiro orixá de cada pessoa é aquele que nos rege, e ele pode ser feminino ou masculino. Ele governa a cabeça, a coroa, o ser. Ele é a principal fonte da nossa personalidade.

O segundo orixá, em geral, tem a essência oposta à do primeiro no que concerne ao gênero. Assim, se a pessoa tem um orixá masculino no primeiro posto, terá um feminino no segundo. Se tem um feminino no primeiro, terá um masculino no segundo. São raros, mas não impossíveis, os casos em que uma pessoa pode ser regida por dois orixás de mesma essência, o que não caracteriza nenhuma anormalidade ou coisa errada, apenas diferença entre as pessoas. O orixá do segundo posto é o que rege a natureza de cada um, aquilo que somos no íntimo.

O terceiro orixá é o que conhecemos por Juntó. A maioria dos médiuns só conhece até este orixá. Vai-se além quando da necessidade por saúde ou outro motivo ou quando do sacerdócio – afinal, para cuidar de outras pessoas é essencial conhecer a si mesmo. A partir daqui os orixás já não têm muito parâmetro relacionado ao gênero, isto é, podem contêr essência feminina ou masculina. Este posto rege o comportamento, isto é, o que somos para as outras pessoas.

O quarto orixá rege a saúde, bem como o quinto rege a família e o sexto rege o trabalho.

A sétima posição, obrigatoriamente, cabe sempre a exu. Ele é o Senhor de tudo quanto é mundano e material. Seja um exu feminino ou pombagira, ou um exu masculino, Eleguá, ele sempre vai reger tudo quanto for mundano em nossas vidas, mantendo o equilíbrio.

A cada um dos orixás corresponde uma entidade. Entre o terceiro e o sexto orixás, as entidades podem se alternar, mas certas posições acabam sendo fixas. O primeiro orixá é quem determina o guia, ou a entidade responsável pela coroa do médium. O segundo orixá é o que normalmente

delimita a natureza do erê ou criança do médium, pois ele representa a natureza daquele espírito, aquela é a mais pura e intocada. E o sétimo posto é sempre de uma entidade vinculada a exu, isso quando não um casal de exu: macho e fêmea, o que chega a ser até mais comum. Assim, a estrutura se organiza da seguinte forma:



Figura 2.: *Estrutura.*

Qual a hierarquia que aquela entidade desempenha, dentre as demais entidades daquele médium?

O guia é a entidade que primeiro responde pelo médium. Daí em diante segue-se uma cadeia de 6 postos, dentre as quais se organizam as entidades, de acordo com:

- os orixás a quem obedecem;
- seu grau evolutivo;
- os aspectos da vida do médium que regem; e
- suas próprias características.

Qual a energia daquela entidade?

Qual o tipo de energia com que aquela entidade mais trabalha? Cura? Paz Interior? Justiça? Batalha? Verdade? Materialidade? Trabalho?

Respondida essas questões, fica-se mais próximo de entender em que linha aquela entidade realmente atua.

Outros fatores

Outros fatores que também devem ser levados em consideração:

- o título pelo qual aquela entidade se identifica (quando um preto velho, por exemplo, se identifica como ‘pai’ e não como ‘vovô’ ou uma ‘preta velha’ se identifica como ‘mãe’ ou ‘vó’ e não como ‘tia’ isso já nos mostra que estão em maior ou menor grau de evolução e/ou em maior ou menor proximidade com o médium em questão, além de poderem ser seus ancestrais);
- o ponto riscado (ele contém muitos elementos que podem remeter ao orixá ao qual a entidade responde ou linha na qual a entidade atua);
- o ponto cantado (ele pode conter uma referência, novamente e como o ponto riscado, ao orixá ao qual a entidade responde ou linha na qual a entidade atua).

[1] Retirado do link:
http://www.maemartadeoba.com.br/a%20umbanda/Sete%20Linhas%20da%20umbanda/Sete%20Li